

Carlos Cardoso Aveline

A INFORMAÇÃO SOLIDÁRIA

A Comunicação Social Como
Prática de Uma Nova Ética





UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Reitor

Egon José Schramm

Vice-Reitor

Rui Rizzo

Pró-Reitor de Extensão e Relações Comunitárias

Roberto Diniz Saut

EDITORADA FURB

Diretor Executivo

José Carlos Grando

Conselho Editorial

Carlos Alberto Vargas Ávila

Cláudio Loesch

José Carlos Grando

Lauri Amândio Schorn

Lourival Antonino dos Santos

Marilde Sievert

Olivo Pedron (Presidente)

Vilmar José Tomio

Editor Gráfico

Vilmar Schuetze

Carlos Cardoso Aveline

A INFORMAÇÃO SOLIDÁRIA

**A Comunicação Social
Como Prática de Uma Nova Ética**



Blumenau, 2001

© Carlos Cardoso Aveline, 2001



Esta obra foi publicada também, em 1999, pela Fundação Educacional e Editorial Universalista, FEEU de Porto Alegre, RS.

© Desta edição: Editora da FURB

Editora da FURB

Rua Antônio da Veiga, 140. Bloco T, sala 117.
89012-900 Blumenau SC Brasil
Fone/Fax: (047) 321-0329
Fone: (047) 321-0330
Correio eletrônico: editora@furb.br
Internet: www.editora.furb.br

Capa: Gladis S. Carvalho

Arte final: Prafotolito Pré-impressão
Fone (047) 222-1511
Correio eletrônico: arquivo@prafotolito.com.br

Revisão: Ângela Maria Hartmann e Heitor Fraga

Editoração Eletrônica:

Marcel Araújo Andrade

Distribuição: Editora da FURB

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

Elaborada pela Biblioteca Central da FURB, Blumenau – SC

Aveline, Carlos Cardoso, 1952-

A948i A informação solidária : a comunicação social como prática de uma nova ética/

Carlos Cardoso Aveline. - Blumenau : Edifurb, 2001.

84p.

ISBN 85-7114-103-7

1. Comunicação de massa. 2. Ética. 3. Jornalismo - Aspectos sociais. I. Título.

CDD 302.23

170

070.4

Sumário

1. O Desafio de Ontem e de Hoje	07
2. A Revolução dos Conteúdos	21
Código de Ética do “Correio Braziliense”	32
Exemplos de Comunicação Alternativa	35
3. Qualidade é Melhor Que Quantidade	39
O Que Fazer: Seis Idéias Concretas	47
4. Luz e Sombra na Televisão	51
Trechos da Constituição da República	62
O Que Fazer: Colhendo Assinaturas Para Mudar a TV	66
5. O Poder de Visualizar	69
Meditando pelo Brasil	72
6. Além da Informação: a Paz Interior	75

1

O Desafio de Ontem e de Hoje

Para que serve um jornal? Ele deve ser um registro de acontecimentos ou uma antena voltada para as possibilidades do futuro?

Este é um livro sobre o dever ético dos meios de comunicação social, e também sobre a responsabilidade do leitor, ouvinte e telespectador em relação a eles. O papel do cidadão é – e será cada vez mais – decisivo em todos os aspectos da sociedade. A nova era solidária do terceiro milênio será, também, a era da cidadania plena. Nela, finalmente, a ética individual e a ética social apoiarão uma à outra. A religiosidade e o espiritualismo deixaram de girar apenas em torno do passado, das tradições e do mundo subjetivo dos indivíduos. Eles se voltam poderosamente para o futuro e inspiram a construção criativa da civilização solidária do futuro. Os meios de comunicação social são cruciais neste processo de mutação de indivíduos e sociedade. O jornal de amanhã terá que articular idéias e ações para a construção de uma sociedade sempre melhor. Ao mesmo tempo ele deverá acelerar o crescimento interior dos indivíduos. Um cidadão sábio é o único alicerce confiável de uma sociedade justa.

É comum ouvir dizer que vivemos em uma época de transformações rápidas. Não estou certo disso. É verdade que há inúmeras mudanças superficiais na vida de hoje, mas as transformações reais são escassas. Folheando alguns dos principais jornais brasileiros, tenho a sensação de que o jornalismo mudou muito pouco nos últimos dois mil anos. Ele tem essencialmente o mesmo tipo de relatos de cerimônias públicas, resumos das decisões dos tribunais, descrições de fenômenos atmosféricos e notícias sobre a queda ou restauração de prédios públicos que

caracterizaram, durante o império romano, a aurora do jornalismo.

O jornalismo surgiu no ano 59 antes de Cristo, quando o imperador romano Júlio César mandou editar diariamente as *Actas Diurnas* – jornais murais colocados em locais públicos. Com decretos e outras notícias oficiais da corte, ao lado de notícias pessoais, como nascimentos, casamentos e mortes, essas *Actas Diurnas* eram copiadas e colocadas à disposição do público também nas províncias do império. Tanto quanto os grandes jornais de hoje, o jornalismo pioneiro dos tempos de César limitava-se a registrar os aspectos materiais da vida do seu povo, a partir de uma postura direta ou indiretamente comprometida com os interesses de curto prazo de quem estava no poder.

O jornal do futuro deve ir além do velho horizonte materialista do império romano, e há sinais animadores. Depois de algumas décadas de grandes transformações formais e tecnológicas, que parecem tentar disfarçar a falta de conteúdo real dos meios de comunicação, é possível que estejamos vivendo agora a madrugada de uma *revolução de conteúdos* que alterará, para sempre, a função social e o grau de compromisso ético do jornalismo. O presente trabalho é parte ativa deste processo. Ele coloca ao alcance do cidadão instrumentos práticos, individuais e coletivos, para que os meios de comunicação social possam cumprir seu papel em relação à construção de um futuro melhor. Afinal, são eles que estruturam toda a parte visível da nossa consciência coletiva. Eles devem ser capazes de refletir o drama, as necessidades e o progresso da alma humana, transcendendo, para isso, a força dos interesses comerciais e políticos de curto prazo. É o cidadão atento que fará com que isso ocorra.

Do século 19 para o século 21

O Brasil de hoje tem pelo menos uma coisa em comum com a Inglaterra do século dezenove: um jornalismo que é simultaneamente herói e vilão, porque eleva e rebaixa a consciência humana. O escritor inglês Edward Bulwer-Lytton escreveu em 1840 uma peça de teatro sintomaticamente chamada *Money*, denunciando a importância exagerada que o dinheiro tem para o ser humano. A obra traça um retrato implacável do jornalismo da Londres daquela época. Uma descrição que, na verdade, permanece essencialmente atual no que se refere ao jornalismo praticado no Brasil na aurora do século 21. Bulwer-Lytton escreveu:

“Ah, ler os jornais! Eles mostram de que coisas é feito o mundo. Registros diários de patifarias e calamidades! Aqui, anúncios de charlatães, de agiotas, de armazéns barateiros ou de garotos nascidos com duas cabeças. Tanto espaço para bobalhões e impostores! Veja a outra página – reportagens policiais, falências, calotes, fraudes, e um relato biográfico do homem de nariz achatado que assassinou seus três filhos pequenos em Pettonville. Você pensa que estas são apenas exceções à virtude e ao bom senso generalizados da nação? Examine os artigos principais do jornal. Seus cabelos ficarão em pé diante da perversão horrível ou do idiotismo melancólico daquela parte da população que pensa diferente de você. Nos últimos anos, eu já vi dezoito crises, seis destruições da agricultura e do comércio, quatro aniquilações da Igreja, e três destruições finais, terríveis e irremediáveis da Constituição. E isso é um jornal!”¹

Mas nem tudo era ruim no jornalismo do século dezenove, como nem tudo é mau no jornalismo de hoje. Um jornal funciona como um parlamento do povo, uma ampliação da assembléia popular e uma caixa de ressonância das reivindicações democráticas. O primeiro jornal brasileiro – *Correio Braziliense* – foi fundado no exílio. O maçom e erudito Hipólito da Costa,

estudioso das tradições esotéricas, lançou o *Correio* em junho de 1808, precisamente na Londres de Edward Bulwer-Lytton. Hipólito afirmou que editava seu jornal na Inglaterra devido “à dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelo perigo a que os redatores se exporiam falando livremente das ações dos homens poderosos”.² Depois de passar vários anos em um cárcere da Santa Inquisição em Portugal, ele desapareceu misteriosamente da prisão e ressurgiu na capital inglesa, onde a intolerância religiosa não poderia alcançá-lo. Em Londres havia uma sólida liberdade de imprensa e de pensamento.

O jornal *Correio Braziliense* foi mensal e durou até dezembro de 1822, quando Hipólito José da Costa anunciou que a publicação deixaria de sair regularmente devido à liberdade de imprensa que surgia no Brasil independente. Não é por acaso que o primeiro jornal brasileiro foi fundado por um homem comprometido com o futuro da humanidade. Desde sua origem, o jornalismo tem tido um papel decisivo na aventura intelectual e espiritual da história humana. “A amplitude do seu campo de interesse e o caráter vago dos seus limites” – diz a *Encyclopaedia Britannica* – “são postos em destaque pela quantidade de homens que obtiveram fama igualmente como jornalistas e estadistas, jornalistas e escritores, etc.”³ Benjamin Franklin, Mark Twain, Walt Whitman, Theodore Roosevelt, Vladimir Illitch Lênin, Karl Marx, Friedrich Engels, Helena Blavatsky, Henry Olcott, Charles Dickens, Daniel Defoe, Winston Churchill, Richelieu, Goethe e Jorge Luis Borges escreveram regularmente para jornais e revistas. Há outros tantos exemplos brasileiros.

Na verdade, o jornalismo pode ter, e freqüentemente tem, alto nível de conteúdo e de intenções. Sua vocação é pensar os problemas humanos e apontar alternativas. Muniz Sodré, autor de vários livros sobre a comunicação social em nosso País, escreve:

“Já em Kant se encontra renunciado o prestígio da im-

prensa na modernidade. Isto se deve tanto às posições da imprensa em favor das liberdades civis quanto ao direito democrático de restringir, pela visibilidade dos processos, as táticas de encobrimento ou dissimulação dos governos em nome da doutrina da razão de Estado”.⁴

Na Alemanha de 1842, lembra Muniz Sodré, Karl Marx abandonou a carreira universitária para dedicar-se a uma espécie de jornalismo filosófico, escrevendo para a *Gazeta Renana*. Não foi um fato isolado. Desde o século 19 até hoje, os movimentos populares têm girado sempre em torno de publicações periódicas direta ou indiretamente engajadas nas lutas coletivas. O mesmo ocorre com movimentos religiosos, espiritualistas e místicos. É o caso do movimento teosófico, que trouxe para o Ocidente a sabedoria das filosofias esotéricas orientais e o estudo comparado de ciências, filosofias e religiões. Fundado em 1875 em Nova Iorque, o movimento teosófico se espalhou pelo mundo impulsionado por revistas como *The Theosophist* (Índia), *The Path* (Estados Unidos), e *Le Lotus Bleu* (França). Tanto nas suas vertentes introspectivas como nas suas expressões socialistas e voltadas para o mundo externo, os movimentos que buscam a elevação da humanidade sempre se apoiaram no uso democrático da palavra escrita e no jornalismo de idéias. Na Rússia do começo do século 20, o líder revolucionário Vladimir Lênin via o jornal como o grande organizador do movimento popular. Em sua famosa obra *Que Fazer?*, ele escreveu:

“A organização de um jornal político para toda a Rússia – dizia-se em *Iskra* (publicação periódica dos social-democratas) – deve ser o *fio condutor*, segundo o qual poderemos desenvolver, aprofundar e estender de maneira constante essa organização (isto é, a organização revolucionária, sempre disposta a apoiar qualquer protesto e qualquer explosão). Digam-nos por favor: quando os pedreiros colocam em diferentes lugares as pedras de uma obra grandiosa e sem precedentes, será trabalho de ‘mera papelada’ estender o fio de prumo que lhes

ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica a finalidade da obra comum, que lhes permite colocar não só cada pedra, mas cada pedaço de pedra, o qual, somando-se com os precedentes e com os que o seguirão, formará uma linha acabada e completa? Não viveremos, por acaso, um momento destes na vida do nosso Partido, tendo pedras e pedreiros, mas faltando-nos precisamente o fio de prumo, visível para todos e pelo qual todos se possam guiar?”⁵

Para Lênin, portanto, neste texto de 1902, o jornal é o grande articulador da consciência coletiva, e deve ser usado de modo eficaz. Cabe perguntar-nos, então, de que modo nossos jornais escritos e suas contrapartidas eletrônicas articulam a opinião pública e o modo de pensar das nossas comunidades.

Por mais “realista” e “objetivo” que um jornal procure ser, ele sempre criará uma representação da realidade, e nisso o jornalista estará numa posição parcialmente semelhante à do escritor que cria uma obra de ficção. Ao começar a redigir um texto, todo redator ou repórter sério percebe que só pode transmitir, no espaço disponível, uma visão muito simplificada do tema que pesquisou. Escolher a partir de que pontos de vista concretos ele “puxará” ou armará o texto é uma grande responsabilidade. É neste momento que o jornalista cumpre uma função comparável à do escritor de ficção. Este último frequentemente produz seu texto com base em fatos reais e faz grandes quantidades de pesquisa.

O romance *Night and Morning*, de Edward Bulwer-Lytton, foi publicado em 1845. A obra traz uma avaliação da responsabilidade ética do escritor que se aplica perfeitamente ao jornalismo. Na citação a seguir, coloco entre parênteses e em itálico as palavras necessárias para aplicar o raciocínio do autor ao mundo dos repórteres e redatores. Diz Bulwer-Lytton:

“Muita coisa já foi escrita pelos críticos sobre se o objetivo da ficção (*do jornalismo*) é entreter (*informar*) ou instruir e

educar: se o propósito do aperfeiçoamento moral está ou não em harmonia com o espírito perceptível nas melhores obras (*nos melhores textos*). E a conclusão geral da discussão é que o objetivo moral, rigidamente falando, deveria estar excluído das obras do poeta (*dos textos jornalísticos*).” Porém, prossegue Lytton, “certamente, interessar, agradar e elevar – conduzir o homem das paixões baixas e dos problemas miseráveis da vida para uma região mais alta, fazê-lo superar a dor inútil e egoísta, estimular um generoso sofrimento pelas vicissitudes dos outros, transformar suas paixões em simpatia por lutas heróicas, e levar a alma até aquela atmosfera mais serena da qual ela raramente volta à existência comum sem alguma memória que amplia o campo do pensamento; esta meta pode satisfazer o escritor (*o jornalista*) e constituir a moralidade mais alta e universal que ele é capaz de exercer”.⁶

Pelo modo como aborda a cobertura dos crimes, da corrupção na política ou das alianças eleitorais, o jornalismo eleva ou rebaixa o nível de consciência do leitor. Neste sentido, todo jornalismo é engajado: ele sempre transforma o leitor, o ouvinte ou telespectador. Muitos meios de comunicação social de hoje falam demasiado de desgraças, dão detalhes mórbidos sobre aspectos miseráveis da vida humana, tratam criminosos como heróis e estimulam sentimentos doentios e destrutivos com o objetivo de aumentar suas tiragens ou audiência e, conseqüentemente, atrair mais anunciantes. Mas, percebendo seu dever ético, o jornalismo pode e deve elevar a consciência humana conforme a linha sugerida por Bulwer-Lytton. E isso sem perder leitores ou audiência e sem deixar de informar sobre a miséria humana (moral e social). Bastará olhar o drama humano desde pontos de vista construtivos, e a partir de um compromisso real com a verdade e com os interesses do cidadão. O jornalismo do futuro deverá levar em conta este pensamento de Madre Teresa de Calcutá:

“Nossas palavras são inúteis, a menos que venham do fundo do coração”.⁷

O que é notícia

“Tudo o que é humano me diz respeito”, escreveu o pensador Terêncio, 2.100 anos atrás. “Tudo o que é notícia é adequado para imprimir”, diz o lema do jornal *The New York Times*, um dos mais influentes do mundo. Porém, na hora em que esta totalidade indiferenciada deve ser refletida nas páginas dos jornais, é preciso obedecer a uma escala de valores determinada e definir prioridades bem concretas.

“Planeje hoje o seu carnaval do ano 2.000”, oferecia um anúncio de capa em um grande jornal brasileiro em 1998. Mas não havia naquele jornal nenhuma discussão de fundo sobre o projeto de futuro que o país poderia ter, nos vários setores sociais, a partir do século 21. Ao contrário, grandes temas como reforma agrária, ética na economia e a crítica dos valores consumistas pareciam haver desaparecido quase completamente da imprensa brasileira. Mais fáceis de encontrar eram as pseudo-informações sobre a vida pessoal de artistas famosos, o último corte de cabelo de algumas atrizes de televisão, certos contratos milionários com jogadores de futebol e declarações de políticos bem conhecidos que, para estarem presentes na mídia sem comprometer-se nem posicionar-se claramente, desenvolvem, com frequência, a arte de falar em público sem dizer nada. Há uma história exagerada que ilustra a freqüente futilidade das notícias políticas. Um repórter experiente de um grande jornal se aproxima de um político governista, cumprimenta-o e diz:

“Senador, preciso fazer uma entrevista com o senhor”.

“Eu não tenho nada importante a dizer...”, começa o parlamentar. Mas o repórter arremata, com o ar dominante de quem sabe o que faz: “É claro, não há problema. Podemos começar logo?” Envolvidos pelo jogo de conveniências do

dia-a-dia, muitos jornais ignoram as grandes questões da alma humana, o mistério da vida e da morte, as possibilidades ilimitadas do nosso crescimento espiritual e a necessidade de ajudar o nascimento de uma nova civilização baseada na ética. Ao mesmo tempo, do ponto de vista meramente formal e decorativo, eles parecem cada dia mais criativos, coloridos e computadorizados.

A proteção do meio ambiente tampouco é notícia. Enchentes com dezenas de mortes e prejuízos materiais incalculáveis são noticiadas como se nada tivessem a ver com a destruição ecológica que a sociedade materialista promove. A defesa da vida dos animais só aparece nos jornais quando algo mais surpreendente ocorre. No dia 15 de fevereiro de 1998, o *Correio Braziliense* contou a história de um lobo-guará no zôo da capital federal. Com a mandíbula destruída, o pequeno lobo de um ano de idade foi avaliado como um caso sem cura. Os veterinários deram-lhe então uma forte injeção letal, “três vezes mais poderosa do que o necessário para matá-lo”. Em seguida, o lobo perdeu os sentidos. Quando os batimentos cardíacos e a respiração cessaram, o animal foi colocado em uma câmara fria a dez graus de temperatura. Mas seu coração ainda batia, a intervalos muito longos. Ele estava em um estado semelhante à hibernação de algumas espécies animais. Na manhã seguinte, quando foi colocado sobre uma mesa para que seu corpo fosse aberto como parte da chamada autópsia, para surpresa dos profissionais, o animal saiu caminhando. Os veterinários decidiram, então, fazer todos os esforços possíveis para salvá-lo. Ele foi adotado pelo zôo e ganhou o nome de *Lázaro*, em homenagem ao personagem bíblico ressuscitado por Jesus quatro dias após a sua morte (João, 11).

Raramente a vida sai ganhando nas páginas dos jornais. A *Folha de São Paulo*, numa tentativa de combater a fascinação pelas notícias negativas, passou uma longa temporada in-

cluindo em sua capa sempre uma “boa notícia”. Embora importante, este tipo de esforço isolado não é suficiente. É preciso que os jornais percebam o sentido profundo da lei oculta segundo a qual o pensamento é um poder dinâmico e cria a realidade que nos cabe viver. “Todas as coisas são precedidas pela mente, guiadas pela mente e criadas pela mente”, diz o primeiro verso do *Dhamapada* budista.⁸ “Tudo o que somos hoje é resultado do que temos pensado. O que pensamos hoje é o que seremos amanhã; nossa vida é uma criação da nossa mente”. Assim, será necessário que os jornais passem a buscar soluções para os nossos problemas e mostrem o imenso potencial positivo da sociedade humana, para que uma nova civilização possa nascer. O *Dhammapada* prossegue:

“Ele me insultou. Ele me maltratou. Ele me rebaixou. Ele me roubou. Os que abrigam tais pensamentos não se libertarão do ódio e do ressentimento. Tudo o que somos hoje é o resultado do nosso próprio pensamento. Se um homem fala ou age com a mente pura, a felicidade o acompanha como sua sombra inseparável.” Idéias como estas, que começam a ser levadas a sério no plano coletivo, estão abrindo espaço para uma nova visão sociológica, e nos aproximamos do momento em que compreenderemos algo básico e fundamental: *tudo depende do ponto de vista a partir do qual olhamos o mundo*. Temos total responsabilidade pela escolha deste ponto de vista, e também pelas conseqüências dessa escolha. “O ódio jamais é vencido pelo ódio”, diz a escritura oriental. “O ódio só se extingue pelo amor.”

A amnésia jornalística

Esta idéia básica é importante ao examinarmos a posição assumida pelos jornais diante da necessidade de uma ordem internacional democrática. A *Gazeta Mercantil* reproduziu no

mesmo dia 15 de fevereiro de 1998 uma notícia do *Financial Times*, de Londres. Segundo o texto, no futuro a ONU talvez não tenha mais como continuar funcionando – por absoluta falta de dinheiro. Sua burocracia excessiva é um fator de ineficiência. Os Estados Unidos e outros países não pagam a sua contribuição à organização internacional. Por que? Talvez a semente de organização política global e democrática que são as Nações Unidas pudesse fazer sombra ao poder das companhias multinacionais e conglomerados financeiros. Cabe perguntar: a quem interessa o fortalecimento da ONU e a democratização dos mecanismos de poder mundial? Aos cidadãos, certamente. Mas até que ponto os jornais são capazes de defender os interesses dos seus leitores-cidadãos?

O Brasil, sede da maior conferência de chefes de estado de todos os tempos, esqueceu rápido demais a Eco-92 e as suas propostas sobre uma comunidade internacional socialmente justa e economicamente sustentável. A Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992, parece haver caído em um vergonhoso esquecimento – junto com a própria ONU, aliás. Quem tem medo das Nações Unidas? A que se deve a *amnésia* dos jornais brasileiros em relação a temas como este? Como poderemos pensar o futuro do mundo sem criar mecanismos internacionais de tomada de decisões que sejam democráticos, transparentes e capazes de ouvir organizações de cidadãos?

Há muito por melhorar na maneira como funcionam as redações dos jornais. Renato Ribeiro Pompeu, jornalista em atividade desde 1960, publicou em 1999 um testemunho pessoal na revista *Caros Amigos*:

“A imprensa é forçada, para ter público, a defender os valores da democracia, da igualdade de direitos e outros valores humanistas e progressistas, valores que são desrespeitados nas redações, onde reina um autoritarismo despótico, uma desigualdade flagrante, e métodos de gestão que estão sendo abandonados há muito até mesmo nas

fábricas; em todo mundo se incentivam, nas empresas mais modernas, a gestão participativa, a autonomia para a tomada de decisões no setor de sua competência, o respeito à individualidade de cada um, o estímulo à criatividade de todos.”

Há também a questão da técnica. Prossegue Renato Pompeu:

“A imprensa só usa os avanços tecnológicos para cortar custos. Com base em que as modernas tecnologias de texto permitem a uma só pessoa fazer os trabalhos de apuração, checagem, redação, edição e revisão, foi eliminado um sem-número de funcionários que antes tinham cada um uma função específica. Isso não leva em conta que as tecnologias novas abrem possibilidades, mas são necessários muitos anos para que surjam profissionais com competência para concretizar essas possibilidades(...) Muito poucos são capazes de fazer todo e qualquer tipo de trabalho jornalístico. Assim se multiplicam os erros grotescos de digitação e revisão, para não falar de apuração, edição, redação e checagem.(...) Note-se ainda que as novas tecnologias não são adotadas quando melhoram o produto e o serviço, mas não cortam custos. Se cada editoria tivesse um grupo de jornalistas, ou pelo menos um, vasculhando ininterruptamente a Internet sobre os vários temas em pauta, o nível informativo melhoraria muito, mas isso não reduz custos e praticamente não é adotado.”⁹

Desânimo é irresponsabilidade

Os jornais ainda não perceberam toda sua responsabilidade pelo futuro coletivo. Na verdade, eles não se posicionam só pelo que falam, mas também – e sobretudo – pelo que calam. A descrição de mundo oferecida pelos jornais fica clara, acima de tudo, pelo que eles omitem, decidindo que “não vale a pena publicar”. O desânimo está implícito na falta de espaço para

soluções e alternativas. E o desânimo é uma forma preguiçosa de irresponsabilidade.

O saldo final da imprensa brasileira, no entanto, é amplamente positivo. É o que veremos a seguir.

Notas:

- 1) *Money*, de Edward Bulwer-Lytton, Kessinger Publishing, LLC, Montana, EUA. Ver p. 240.
- 2) *Hipólito da Costa, Idéias e Ideais*, de Teresinha de Castro, Ed. Biblioteca do Exército, RJ, 1985, 112 pp., ver p.28. Interessante também o livro *Hipólito da Costa, o Patriarca da Imprensa Brasileira*, de José Luiz de Moura Pereira, ed. Studio Z Produções Gráficas Ltda., Brasília, 138 pp. Hipólito foi um notável erudito em assuntos maçônicos, respeitado mundialmente. A *Philosophical Research Society*, fundada por Manly P. Hall em Los Angeles, Califórnia, edita o livro *Dionysian Artificers*, em que Hipólito investiga as origens maçônicas no mundo grego. O texto foi publicado pela primeira vez em Londres, em 1820.
- 3) *Encyclopaedia Britannica*, William Benton, Publisher, London, edição de 1967, verbete *Journalism*.
- 4) *Reinventando a Cultura*, de Muniz Sodré, Ed. Vozes, 1996, Petrópolis, RJ, 180 pp., ver pp. 67-68.
- 5) *Que Fazer?*, V.I. Lênin, Obras Completas de Lênin, vol. 2, Ed. Vitória, RJ, 1955, 208 pp., ver p. 178.
- 6) *Night and Morning*, de Edward Bulwer-Lytton, Kessinger Publishing, LLC, Montana, EUA, 254 pp. Ver p. 5.
- 7) *Tudo Começa Com a Prece*, de Madre Teresa de Calcutá, Ed. Teosófica, 1999, 144 pp., ver p. 81.
- 8) *Dhammapada – Caminho da Lei*, tradução, adaptação e notas do dr. Georges da Silva, Editora Pensamento, São Paulo, 1978, 86 pp.
- 9) “Saúde Também é Cultura, Cultura Também é Saúde”, texto de Renato Pompeu na revista *Caros Amigos*, Editora Casa Amarela, São Paulo, maio de 1999, p. 11.

2

A Revolução dos Conteúdos

A imprensa reflete os avanços e recuos da sociedade, crescendo em qualidade à medida que o povo acumula experiência e sabedoria. Nascido no exílio como ponta-de-lança do sonho de independência de Hipólito da Costa, o jornalismo brasileiro se fortaleceu nas lutas libertárias do primeiro império e desde então acumulou uma razoável tradição de independência e de coragem.

Na segunda metade do século 20, entre os inúmeros jornalistas perseguidos pela ditadura militar, destacou-se o nome de Vladimir Herzog, torturado até a morte em dependências do Exército, em São Paulo, em 25 de outubro de 1975. Durante o regime militar, houve nas redações uma resistência anônima e subterrânea à censura e à *autocensura*, pela qual os editores faziam o jogo do governo ilegítimo para evitar perseguições maiores contra seus jornais. Combinada com a luta dos movimentos sociais, a resistência à censura foi abrindo espaço para a redemocratização do país. Na última etapa da ditadura os nossos jornais deram impulso ao avanço da democracia e o país amadureceu. A *Folha de S.Paulo* e outros jornais tiveram papel central na campanha pelas eleições diretas para presidente da República, que chegou ao auge em 1984.

Uma questão de faro

Desde o começo dos anos 90, a ética na política tem sido uma preocupação constante e houve grandes progressos nesta área. A imprensa independente é decisiva no combate à corrupção e constitui uma trincheira da verdade con-

tra a manipulação e os jogos de poder. O repórter trabalha frequentemente como um cão de caça. Como disse o jornalista Drew Pearson, citado por Ruy Castro¹: “Trabalho pelo olfato. Quando sinto que algo está fedendo, vou atrás.”

Pressionado pela força da televisão, o jornalismo escrito tem estado em permanente mudança. Mas esta inquietação ainda precisa ganhar mais profundidade. Luis Nassif escreveu, há alguns anos:

“Em fins dos anos 60, a imprensa descobriu o jornalismo econômico. No início dos 70, o jornalismo de negócios. No fim dos 70, o jornalismo crítico. No fim dos 80, o jornalismo denunciatório. Nos anos 90, falta a imprensa descobrir a si mesma.”² Esta última tarefa terá que ser completada no século 21.

No futuro próximo haverá um novo salto e a imprensa levantará com mais força a questão da ética em todas as esferas da atuação humana: nas relações internacionais, nas relações econômicas e nas relações com a natureza e as outras espécies vivas. O desafio de um desenvolvimento ecologicamente sustentável é, na verdade, dever ético em relação às futuras gerações, já que nossos netos têm o mesmo direito que nós a um ambiente natural saudável. Mas para que a imprensa seja capaz de responder a questões como estas será preciso que nasça uma outra visão de mundo, uma nova maneira de estruturar a consciência humana de forma altruísta, e uma escala de valores definida. Bill Moyers, o famoso entrevistador da televisão norte-americana, chega quase ao exagero: “Qualquer jornalista que merece seu salário sabe que a verdadeira notícia, hoje, é definir o que é espiritual. Esta é a maior notícia – não só da década, mas do século”³, diz ele.

Penso que dentro de algum tempo falaremos com mais desapego e honestidade tanto das questões sociais como do potencial divino dentro da mente humana. A mudança já está ocorrendo e é fácil observá-la. Nas livrarias, as listas de *best-sellers* mostram que o público brasileiro desperta para

uma espiritualidade concreta, livre de dogmatismos e cada dia mais madura. O fenômeno editorial do escritor Paulo Coelho não foi um fato isolado. Os livros sobre nova era, teosofia, ocultismo, estudo de religiões comparadas, taoísmo, terapias alternativas, zen-budismo, meditação, alimentação integral e ecologia se multiplicam. A imprensa deverá absorver a mudança de mentalidade e expressá-la criativamente em uma escala mais ampla, de modo que a mente brasileira rompa os limites estreitos do egoísmo cego, torne-se mais nobre, eleve-se e saia da situação atual de aparente desorientação.

O poder dos pequenos

O papel que o público terá de desempenhar neste processo não é pequeno. A influência dos usuários sobre os meios de comunicação social é cada dia mais forte no mundo. Durante a década de setenta vivi de perto, em Lima, no Peru, uma tentativa de socializar os grandes jornais daquele país. O *El Comercio* iria para os sindicatos e as cooperativas agrárias. O *La Prensa*, onde eu escrevia sobre política internacional, iria para os sindicatos de trabalhadores urbanos. A experiência não teve êxito, mas foi válida como tentativa – o único fracasso é não tentar – e serviu para apontar o rumo de uma comunicação social participativa.

Durante os anos setenta e começo dos anos oitenta o jornalismo brasileiro teve, com os *nanicos* como *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e outros, uma série de experiências de aproximação direta entre leitores e jornalistas. Foi um momento heróico. O jornalista trabalhava quase de graça e corria o risco de ir para a prisão. E a prisão, nos anos setenta, podia significar tortura e morte. Essas pequenas publicações estavam na vanguarda da resistência contra a censura à imprensa e a ditadura militar. Nessa época, no Rio Grande do Sul, havia a Cooperativa de Jornalistas – *Coojornal* –, que foi um espaço importante para os

jornalistas independentes no sul do país.

O jornal *Porantim*, dedicado à causa indígena e editado pelo Conselho Indigenista Missionário, CIMI, talvez seja o *nanico* mais antigo do país. Fundado em 1978, ele ainda circula todo mês pontualmente, e tudo indica que continuará assim por muito tempo. A editora do *Porantim*, Carmen da Cruz, mandou-me seu testemunho por fax. Ela considera que a visão de mundo do seu jornal pode ser resumida nas seguintes palavras de uma instituição que apóia o CIMI:

“Vemos o homem como um retrato fiel de Deus. Conseqüentemente, cada pessoa possui uma dignidade profunda e indestrutível, e deve procurar e também criar as condições sob as quais possa realizar a libertação, tanto para o indivíduo como para toda a humanidade. Esta opção pela libertação é uma opção pelos pequenos, aqueles desprovidos de direitos, sem voz, os excluídos, marginalizados e fracos.”

Desde o início dos anos noventa, uma outra geração de pequenas revistas e jornais *nanicos* vem se espalhando pelo Brasil. Voltadas para a nova era, estas publicações priorizam a qualidade de vida. Elas têm como pontos de apoio lojas naturais, restaurantes vegetarianos, grupos de agricultura orgânica, terapeutas alternativos, centros teosóficos e espiritualistas, farmácias homeopáticas, instituições universalistas e movimentos ecológicos.

A força do cidadão

Oferecendo condições materiais e objetivas para que este novo jornalismo possa florescer, surge uma nova economia que traz consigo novas relações de produção, uma relação mais correta com o meio ambiente e um compromisso ético inseparável dos seus processos produtivos. Assim como a imprensa *nanica* dos anos de governo militar inspirou transformações em grande escala nos principais jornais brasileiros, a nascente imprensa da

nova era deverá causar, direta ou indiretamente, mudanças importantes no jornalismo do século 21.

O principal motor das transformações, naturalmente, é o cidadão. Em todos os aspectos da economia, a influência do consumidor é crescente. Ele exige fiscalizar e orientar os processos produtivos. O jornalismo não é exceção. Na *Eldorado* e outras rádios de São Paulo, milhares de ouvintes são hoje repórteres informais que, com seus telefones celulares, entram falando diretamente no ar com informações de primeira mão sobre acidentes nas ruas e estradas, condições de trânsito e outros acontecimentos importantes para o dia-a-dia da população.⁴ A rádio passa assim a ser construída em um processo que envolve muito mais do que alguns profissionais contratados. Por que não abrir o microfone também no tratamento de questões mais complexas, como o rumo da sociedade?

Na *Folha de São Paulo*, a experiência do *ombudsman*, que tem a função de escrever criticando o próprio jornal e defendendo os interesses dos seus leitores, é positivamente renovadora – apesar das suas limitações. Outros grandes jornais e revistas têm desenvolvido um relacionamento cada vez mais direto com os seus leitores. A tarefa é mundial. Em Paris, os jornalistas participam há décadas das decisões editoriais do jornal *Le Monde*, um dos mais influentes do mundo. O Código de Ética do *Correio Braziliense*, de Brasília, afirma que o jornalista tem direito a “manifestar livremente o pensamento” e a “participar da orientação das atividades da redação”. No Japão, os jornais têm clubes de leitores, o que também democratiza as decisões envolvendo a linha editorial.

Nos próximos anos, a dinâmica dos acontecimentos empurrará a imprensa brasileira para um aprofundamento ético e uma expansão de consciência. Hoje, a maior parte dos meios de comunicação social está como que hipnotizada pelo que parece urgente e deixa de lado o que é, de fato, importante. Antonio Olinto escreveu, tempos atrás, que “jornalis-

mo é literatura sob pressão de tempo e espaço”. Esta pressão freqüentemente esmaga a verdade. Na guerra contra o tempo e contra os concorrentes, a primeira vítima pode ser a notícia que faz pensar. O objetivo do texto passa a ser, então, chamar a atenção do leitor, e só em segundo lugar informá-lo de alguma coisa. Em 1999, Ricardo Noblat, diretor de redação do jornal *Correio Braziliense*, escreveu em sua “Carta ao Leitor” semanal:

“O jornalista não tem obrigação de conhecer profundamente todos os temas com os quais é obrigado a lidar. Também é verdade, porém, que ele só deve escrever sobre um tema depois de conseguir dominá-lo com razoável segurança. No mais das vezes isso requer tempo, pelo menos algum tempo. Para que o jornalista possa consultar especialistas no assunto e ler o que puder a respeito. Mas ele só terá tempo se as edições dos jornais forem mais bem planejadas. Quer dizer: para que possam oferecer material de excelente qualidade, os jornais devem se tornar cada vez menos reféns dos fatos que aconteceram no dia anterior. Até porque são poucos os fatos verdadeiramente relevantes que ocorrem todos os dias. Valorizamos com freqüência o que nada interessa ao leitor. Porque pesquisamos pouco os gostos do leitor. Muitas vezes gastamos espaço com notícias desnecessárias porque o volume de anúncios nos força a acrescentar mais páginas ao jornal.”⁵

Ricardo Noblat admite deste modo que o nosso jornalismo provoca poluição mental, intoxicando o leitor com informações inúteis ou prejudiciais para atender interesses comerciais de curto prazo. Ele parece dar razão ao dizer de um magnata da imprensa inglesa citado pelo jornalista brasileiro Carlos Brickmann: “Notícia é aquilo que se usa para preencher o espaço entre os anúncios.” E Brickmann acrescenta, citando um político norte-americano: “Jornalista é o sujeito que separa o joio do trigo, e publica o joio.”⁶ A força do dinheiro faz com que se esqueça, em parte, que a função social básica do jornalismo é informar e

não desinformar, situar o leitor na realidade e não desviar a sua atenção do que realmente importa. O item XX da seção de *Deveres* do Código de Ética do *Correio Braziliense*, que fala da independência da Redação em relação aos interesses comerciais, é desrespeitado quando os jornalistas precisam encher páginas com notícias fúteis devido ao grande volume de anúncios. Além disso, a propaganda pode ser enganosa em si mesma. “A publicidade consiste de 85% de confusão e 15% de comissão”, disse Fred Allen⁷.

Há uma história que exagera a influência dos anúncios sobre a vida dos jornais. Em certa ocasião, um industrial importante foi ao jornal de uma pequena cidade do interior e disse:

“Meu cachorro desapareceu. Quero publicar um anúncio prometendo cem dólares para quem me entregue um cachorro policial respondendo pelo nome de Rex.”

“Bem, já havíamos fechado a redação, mas vamos atrasar um pouco a edição para incluir o seu anúncio”, disse o diretor do jornal.

O cidadão foi embora. Cinco minutos depois, quis fazer uma alteração no texto do anúncio, voltou à redação, mas encontrou a sala vazia. “Onde foram todos?”, perguntou. “Saíram para procurar um cachorro desaparecido”, respondeu o porteiro.

Na verdade, todo excesso é um problema. Inclusive o excesso de rapidez. O cronista Luís Fernando Veríssimo escreveu:

“Vivemos num tempo maluco em que a informação é tão rápida que exige explicação instantânea, e é tão superficial que qualquer explicação serve.”⁸

A busca ansiosa da grande notícia leva à falsificação direta ou indireta da realidade e à perda da legitimidade dos meios de comunicação. No final de 1998, segundo registra o jornalista Luiz Carlos Lisboa, a Sociedade Norte-americana de Editores de Jornais divulgou um estudo sobre a imprensa dos Estados Unidos mostrando este fato. Uma jornalista indicada

para o prêmio Pulitzer teve que admitir que vinha inventando não só as respostas de seus entrevistados, mas até os próprios entrevistados.

A CNN admitiu que havia dado informações falsas ao fazer supostas revelações inéditas sobre as forças armadas norte-americanas. A rede de televisão ABC foi flagrada protegendo de um escândalo envolvendo crime um personagem importante do seu grupo econômico. Luiz Carlos Lisboa pergunta, citando uma professora de ética jornalística da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque: “Até que ponto os grandes grupos empresariais que controlam os meios de comunicação social estão de fato interessados em jornalismo?”⁹

No caso brasileiro, a revista *Carta Capital* mostrou a imensa intimidade que há entre meios de comunicação social e líderes políticos. O fenômeno se dá, inclusive, da forma mais direta. Em 1995, noventa e seis parlamentares – 83 deputados e 13 senadores – tinham concessões de rádio e TV. No primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, 87 parlamentares receberam autorização para instalar estações retransmissoras de TV.¹⁰ Evidentemente, isso não é tudo. Há muitas outras formas de convívio indevido entre os órgãos de comunicação social e os políticos no poder. Veja o testemunho do senador Pedro Simon a este respeito no final do capítulo quatro.

Os mapas de realidade

Todos os fatos levantados até aqui apontam para a necessidade de uma rigorosa avaliação ética da prática da comunicação social. Isso, porém, dependerá inevitavelmente da nossa visão de mundo. É o que destaca o jornalista Eduardo Araia, ex-editor da revista *Planeta*, a quem solicitei um testemunho individual sobre o problema ético no dia-a-dia do jorna-

lismo. Eduardo respondeu por fax:

“Falar em ética implica dois momentos distintos. O primeiro deles corresponde ao manuseio cotidiano da matéria jornalística segundo os princípios do órgão que a divulga. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, lembra em seu manual de redação que entre seus leitores há pessoas de todas as tendências, raças, credos e religiões, e o respeito a esse público recomenda apresentar as notícias de forma isenta – o que leva a mais de uma dezena de observações, que vão desde como abordar propriamente raças e nacionalidades (nunca usar palavras pejorativas para designá-las) até o uso correto das expressões ‘vender’ e ‘comprar’ no noticiário futebolístico (os verbos devem ser utilizados em relação ao passe, e não ao jogador, que não é mercadoria).”

Para Eduardo Araia, essa abordagem da ética mostra fragilidade ao não se precaver contra as visões de mundo estreitas daqueles que elaboram as notícias. E isto leva ao “segundo momento” citado por ele:

“O médico norte-americano Lawrence LeShan cunhou uma expressão feliz para designar essas visões de mundo; para ele, são ‘mapas de realidade’. Estes mapas constituem o modo operacional de a pessoa interpretar a realidade e lidar com ela, e tendem a permanecer intactos se essa pessoa não tiver a vontade de desenvolver-se interiormente, ou não se esforçar neste sentido. Quanto mais simples o mapa de realidade, menos sofisticada e mais distorcida é a visão de mundo, e menos capacidade tem essa pessoa de interpretar um planeta e uma raça humana em constante mutação. Os mapas de realidade interferem rigorosamente em tudo, do comentário sobre a guerra no exterior à notícia sobre corrupção na política brasileira. Dependendo do mapa de realidade do jornalista encarregado, o período da vida de Isaac Newton em que ele se dedicou ao estudo da astrologia e da Bíblia pode ser esquecido, ridicularizado ou analisado com atenção.”

“Lidar com os mapas de realidade”, conclui o ex-editor da

Planeta, “exige uma ética vertical, enraizada num profundo respeito e compaixão pelo próximo, mas tal comportamento não deve ser unicamente do jornalista. O próprio receptor de notícias deve munir-se deste recurso para consumi-las mais atentamente e com maior isenção. A imprensa convencional ainda está muito longe de pensar que os mapas de realidade dos seus funcionários representam um problema, e mesmo nós, de uma imprensa alternativa e teoricamente mais aberta, não estamos imunes às distorções interpretativas. Acredito que a imprensa realmente ética dará seus primeiros sinais de vida à maneira da conspiração aquariana: sem eventos ou comemorações que marquem seu nascimento, mas lenta e esparsamente, como consequência da evolução interior de emissores e receptores da comunicação e das exigências que eles começarão a impor nessa área.”

O jornal do futuro

Um dos pontos importantes do testemunho de Araia é que ele deixa clara a relação entre a evolução interior das pessoas e os processos de comunicação social. De fato, é de certa forma possível conhecer o estado de alma de um povo pelo seu jornalismo. Quando visitamos qualquer cidade, basta ler os jornais locais para saber em torno do que gira a consciência daquela população. No nível consciente, é o jornal que organiza a mente coletiva da comunidade. Ao entardecer, os editores decidem muitas das idéias que vão passar pela cabeça das pessoas no dia seguinte, logo pela manhã. Há algo de sutil e misteriosamente criativo nesse processo.

Como, então, identificar práticas jornalísticas corretas? O bom jornal, na verdade, se conhece no dia seguinte. A concepção mecânica do jornalismo considera que os jornais devem colocar na memória do leitor dados sobre aspectos pu-

ramente materiais da vida. Que dados? Na maior parte, aqueles cuja importância durará menos de 24 horas, e que se transformarão em lixo ou poluição mental em um período muito curto de tempo. No dia seguinte pela manhã, aquele jornal poderá servir para enrolar batatas, nos locais em que ainda não tiver sido substituído nesta função pelo saco plástico. O jornalismo do futuro, em compensação, seguindo o caminho do vespertino *Le Monde* e de outras publicações pioneiras, deverá respeitar e ampliar a visão de mundo do leitor, erguendo e não rebaixando seu nível de consciência. Este tipo de publicação não será lixo no dia seguinte.

Assim como a mentira, a notícia superficial tem pernas curtas. Mas, segundo afirma um antigo ditado egípcio, “a força da verdade está em que ela dura”. O desafio do jornalismo do futuro será mostrar os fatos de cada momento tendo em vista a percepção do eterno. E também noticiar a realidade com palavras, que estimulem no leitor a percepção silenciosa da verdade interna.

Notas:

- 1) *O Poder de Mau Humor*, Ruy Castro, Companhia das Letras, 1993, p.87.
- 2) *O Poder de Mau Humor*, obra citada, p.87.
- 3) Citado por Sam Keen em *Hymns to an Unknown God*, Bantam Books, 1994.
- 4) O tema é abordado na reportagem “Ouvinte-Repórter, uma grande sacada” na revista *Jornal dos Jornais*, SP, nº 2, abril de 1999, p. 18 e seguintes.
- 5) “Carta ao Leitor”, de Ricardo Noblat, *Correio Brasiliense*, Brasília, 28 de março de 1999, p.29.
- 6) “Vá a Gente Confiar no que Dizem os Jornais”, de Carlos Brickmann, em *Jornal dos Jornais, a revista da imprensa*, nº 01, SP, março de 1999, p. 90.
- 7) *O Poder de Mau Humor*, obra citada, p.148.
- 8) *Correio Brasiliense*, Brasília, 1º de abril de 1999, p.17.
- 9) “Não é Só a Bolsa que Oscila no País de Clinton”, de Luiz Carlos Lisboa, em *Jornal dos Jornais, a revista da imprensa*, nº 01, SP, março de 1999, pp. 13 a 15.
- 10) “O Poder é o Canal”, texto de Bob Fernandes na revista *Carta Capital*, SP, 30 de setembro de 1998, nº 83, pp. 28 a 34.

ANEXO I

O Código de Ética do Correio Braziliense, de Brasília, é um precedente importante para a evolução do jornalismo brasileiro. O documento tem falhas e poderia ser melhorado. Mesmo assim, estabelece alguns pontos fundamentais, é uma iniciativa pioneira e abre perspectivas novas para a discussão sobre o dever social da prática jornalística.

Em maio de 2000 o Jornal de Brasília, concorrente direto do Correio Brasileiro, publicou suas Normas Éticas, anunciando a formação de um Conselho de Ética com dois representantes dos leitores.

Código de Ética do “Correio Braziliense”

Adotado em abril de 1998

O *Correio Braziliense* acredita que a liberdade de imprensa pertence ao povo. Acredita que a confiança do público é princípio e fundamento da informação jornalística. Acredita que a mais ampla liberdade de informar tem contrapartida nas responsabilidades decorrentes do exercício da liberdade. Com base nesses pilares, elaborou o código de ética – indicando o conjunto de direitos e deveres básicos a que estão sujeitos seus jornalistas no cumprimento da missão de servir à comunidade.

Direitos

- I. Manifestar livremente o pensamento, exercendo a profissão sem censura política, ideológica ou social.
- II. Exercer a profissão sem ser discriminado em razão de raça, religião, sexo, preferência sexual, doenças físicas ou mentais, convicções políticas ou condição social.

- III. Ter acesso amplo às fontes de informação jornalística, especialmente aos fatos que influenciam a vida pública.
- IV. Preservar o sigilo da fonte.
- V. Assinar matérias de sua autoria.
- VI. Recusar-se a redigir notícias quando impedido de usar informações que considere relevantes e a elaborar trabalhos de caráter publicitário se não for contratado para tal fim.
- VII. Ser informado sobre a organização da empresa onde trabalha e participar da orientação das atividades da redação.

Deveres

- I. Respeitar a verdade: comprovar a correção da informação antes de a notícia ser publicada; recorrer a diversas fontes; garantir a audiência das partes interessadas.
- II. Mencionar fato ou circunstância cuja exatidão não possa imediatamente comprovar somente quando o determinar o interesse público da informação, fazendo menção expressa à sua natureza duvidosa.
- III. Observar meios éticos e legais na obtenção da informação, identificando-se, sempre que solicitado, como jornalista no exercício da profissão.
- IV. Obter documentos e fotografias com assentimento da pessoa diretamente envolvida, caso a divulgação deles lhe venha a expor a vida privada.
- V. Respeitar a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas.
- VI. Distinguir com clareza o fato e a opinião sobre o fato.
- VII. Excluir das matérias as referências discriminatórias.
- VIII. Exercer a profissão de forma isenta, sem interferência de interesses pessoais, religiosos ou ideológicos, tendo com a empresa relação de total lealdade.
- IX. Expressar com precisão o conteúdo das matérias em

- manchetes e títulos.
- X. Promover a pronta retificação das informações inexatas ou falsas.
 - XI. Respeitar os direitos de propriedade intelectual, evitando plágio e a contrafação.
 - XII. Recusar duplo emprego, envolvimento político ou cargos públicos, em situações que gerem conflitos de interesse no exercício da profissão.
 - XIII. Rejeitar presentes, favores, vantagens, tratamento especial ou privilégios que possam comprometer a integridade do jornalista ou a independência do jornal.
 - XIV. Garantir a presunção de inocência até a condenação do indivíduo por sentença transitada em julgado.
 - XV. Proteger, na redação das matérias, vítimas e testemunhas de caso policial e pessoas que não estejam diretamente envolvidas nele – como familiares e amigos.
 - XVI. Suprimir da notícia dados identificadores de pessoas que sofreram abusos sexuais, salvo expressa manifestação em contrário da vítima.
 - XVII. Excluir da matéria nome, documento, fotografia ou ilustração relativos a crianças ou adolescentes a que se atribua ato infracional.
 - XVIII. Respeitar segredos profissionais ou de Estado.
 - XIX. Respeitar compromissos assumidos com as fontes de informação.
 - XX. Relatar notícias com clareza e independência, sem levar em conta os interesses do grupo econômico que edita o jornal ou dos anunciantes.
 - XXI. Admitir e respeitar reclamações do público contra o jornal e a imprensa em geral.
 - XXII. Denunciar limitações à liberdade de expressão dos jornalistas. Eventuais casos de censura interna do jornal devem ser relatados à Comissão de Ética, encarregada

- de zelar pela aplicação deste código.
- XXIII. Defender os interesses coletivos, as reformas sociais e a ordem democrática.

Comissão de Ética

A Comissão de Ética se pronunciará sobre casos propostos pela redação ou pela direção da empresa quando houver dúvidas na aplicação do Código de Ética.

§ 1º A Comissão de Ética terá cinco membros com mandato de um ano e direito a recondução: dois representantes da redação, dois da diretoria e um da sociedade civil, definido de comum acordo entre a redação e a direção da empresa.

§ 2º Será sem remuneração o exercício do cargo de membro da Comissão de Ética.

§ 3º Terão estabilidade os membros da Comissão de Ética eleitos pela redação enquanto estiverem em curso seus mandatos.

ANEXO II

Exemplos de Comunicação Alternativa

A seguir, alguns exemplos de comunicação social em que o público tem uma participação mais intensa e em que há um compromisso mais estreito do veículo com a ética e a qualidade da vida. Como não se trata de um levantamento sistemático, certamente inúmeras experiências valiosas não constam nas páginas a seguir.

Brasília

Folha do Meio Ambiente. Jornal tablóide mensal. 32 pp. Circulação nacional. Editores: Silvestre Gorgulho e Milano Lopes.

Telefone: (0xx) (61) 321 3765. Fax (0xx) (61) 321 7357.
Email: folhomei@zaz.com.br Caixa Postal 10891, ACF/Centro Sul, CEP 70312-970, Brasília, DF.

Porantim. Jornal tablóide mensal. 12 pp. Circulação nacional. Publicação do Conselho Indigenista Missionário, CIMI, que é ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Editora: Carmen Cruz. Telefone: (0xx) (61) 322 7582. Fax: (0xx) (61) 225 9401. Caixa Postal 03.679, Cep 70.084-970 Brasília, DF.

Caminhos do Autoconhecimento, programa diário do Departamento de Vídeo da Sociedade Teosófica no Brasil. Na Televisão Comunitária (TV a cabo). Coordenador: Marco Aurélio Bilibio. Informações: (0xx) (61) 226 0662; cartas para SGAS 603, nº 20, Brasília, DF, CEP 70200-630.

Programa da União Planetária, programa diário na Televisão Comunitária. Coordenador: Marco Aurélio Bilibio. Informações: (0xx) (61) 226 1036; cartas para SGAS 603, nº 20, Brasília, DF, CEP 70200-630.

Espírito Santo

Caminhos. Jornal de formato pouco inferior a tablóide, trimestral. Editado em Vitória. Editores: Suzana Villaça e Dídimo Efgen. Telefone: (0xx) (27) 337.5324. Fax: (0xx) (27) 337.6447.

Minas Gerais

Meio Ambiente em Jornal. Tablóide mensal. Editado em Belo Horizonte, circula no Estado mineiro. Editor: Mário Viêgas. Telefones: (0xx) (31) 226.7028 e (0xx) (31) 226.6302. Telefax: (0xx) (31) 226.8841.

Rio Grande do Sul

O Exotérico. Jornal tablóide mensal. Circula em Porto Alegre e algumas cidades do interior gaúcho. Editora: Norma

Vargas. Telefone: (0xx) (51) 330.2337. Email: exoterico@cpovo.net.

Athame. Jornal tablóide mensal. Circula em Porto Alegre. Editora: Tânia Magalhães. Fone/Fax: (0xx) (51) 259.1452 e (0xx) (51) 961.6178. Email: athame@cpovo.net.

Aquarius. Jornal tablóide mensal. Circula em Porto Alegre, RS, Santa Cruz, RS, e Florianópolis, SC. Editora: Kátia Luz Escobar. Telefone: (0xx) (51) 231.0815. Email: aquarius@conex.com.br

Bodigaya. Revista sazonal editada em Porto Alegre. Distribuição nacional. Editores: Enio Burgos e Tamas Virag. Telefone e fax: (0xx) (51) 217 5765. E-mail: bodigaya@viavale.com.br

Rio de Janeiro

Essência Vital. Jornal tablóide mensal. Secretária Executiva: Tânia Oliveira. Telefone: (0xx) (21) 288-0531. Celular: (0xx) (21) 971.35424. A publicação combina a busca espiritual não-dogmática com o apoio inteligente às lutas sociais e ecológicas. Endereço postal: Rua Garibaldi, nº 174, Tijuca, Cep 20.511-330 Rio de Janeiro, RJ.

São Paulo

Planeta. Revista mensal dedicada à espiritualidade não-dogmática. Circula nas bancas em todo o país. Editora: Fátima Afonso. Esta publicação não é pequena mas tem a filosofia dos pequenos. Telefone: (0xx) (11) 3618.4380 ou 3618.4381 (Editora Três).

Magus. Jornal tablóide mensal. Circula na capital paulista. Editora: Míriam Morata Novaes. Telefone: (0xx) (11) 6954.5843. Fax: (0xx) (11) 6955.0239. Email: magus@uol.com.br

Caros Amigos. Revista mensal que prioriza questões políticas e sociais. Circulação nacional, nas bancas. Editores: Sérgio de Souza e Marina Amaral. Telefone: (0xx) (11) 816 1684. Fax: (0xx) (11) 816 1276. Email: casamar@uol.com.br

Santa Catarina

Jornal do Yoga. Jornal tablóide bimestral. Editado em Joinville, circula no Estado catarinense. Editora: Maria Laura Packer. Telefones: (0xx) (47) 370.7917, (0xx) (47) 370.8654 e (0xx) (47) 370.7944.

Urtiga. Jornal tablóide bimestral. Órgão da Associação Ituana de Proteção Ambiental, AIPA. Editora: Sílvia Czapski. Telefones: (0xx) (11) 78261320, (0xx) (11) 8872423 r. 28 (de 8h a 14h). Fax: (0xx) (11) 8844835.

3

Qualidade é Melhor Que Quantidade

No final dos anos 70, um dos homens mais poderosos do país – *expert* na área de *inteligência* – afirmou que lia jornais com o objetivo principal de “saber o que os outros estão mentindo”. A afirmação irônica continha uma crítica evidente aos meios de comunicação social. Com efeito, ler jornais e assistir noticiosos de televisão nem sempre é um caminho seguro para a verdade.

Mas a informação inútil ou pseudo-informação não é exclusividade do jornalismo moderno. Em qualquer situação, é preciso talento para perceber onde está a boa informação. O bom senso e o espírito crítico em relação às descrições da realidade que chegam até nós são uma defesa indispensável para que nossa vida possa ser feliz e exitosa.

Uma das definições mais claras do conceito de *informação* consta de um estudo sobre estratégia militar¹: “informação é o conhecimento que se necessita para tomar as decisões corretas”. Ou seja, informação é o conhecimento útil para melhorar a qualidade da vida. O resto corre o risco de cair na categoria das inutilidades. Conhecer os detalhes dolorosos de um crime de subúrbio, por exemplo, não é informação, mas pseudo-informação. Aplicando o critério da utilidade prática, chegamos à conclusão de que os modernos jornais das capitais brasileiras contêm relativamente poucas páginas de informações, porque dão escassos elementos para que o leitor possa tomar decisões melhores e mais sábias em sua vida. Os jornais circulam com uma quantidade apreciável de lixo cultural, imagens de violência, pseudo-informação e outros fatores que contribuem para tornar difícil a percepção da vida como

um processo divino. Vimos as razões econômicas deste fato no testemunho do diretor do *Correio Braziliense*, no capítulo anterior. Porém, já que a informação é hoje um produto comercial, cabe ao consumidor estabelecer o controle de qualidade na produção de notícias e descrições da realidade humana. O crescimento das *colunas do leitor* nos grandes jornais e o surgimento de *ombudsmen* ou ouvidores, cuja função é defender os interesses do leitor, assim como o fortalecimento da imprensa alternativa e voltada para a nova era, demonstram que o progresso neste sentido já está ganhando velocidade.

Nem tudo que é urgente é importante

A mente humana é um ecossistema amplo, complexo, cheio de vida. Do mesmo modo que as paisagens naturais do mundo físico, a mente necessita de paz e equilíbrio em seus fluxos energéticos. O excesso de informação esmaga a consciência interior e funciona como um hipnotismo que tolhe a autonomia pessoal. Surge, então, a ansiedade de informação. A pessoa sente que precisa saber de tudo e acompanhar todos os acontecimentos externos, porque está momentaneamente desligada do seu centro interior de paz. Em compensação, o sábio percebe que as informações decisivas para a sua qualidade de vida quase nunca são novidades de última hora. O que é importante nem sempre parece ser urgente. O que parece urgente, muitas vezes, não tem importância alguma. O cidadão sábio reúne informação na medida certa para tomar decisões corretas. Não se coloca como um espectador, mas como diretor e ator da sua própria vida. Por isso, ele reúne as informações úteis para a ação, evitando perder tempo ou energia com dados desnecessários ou meros passatempos.

A sociedade de massas, ao contrário, induz o cidadão a renunciar à direção da sua própria consciência. Trata-se de um roubo sutil da nossa capacidade de pensar, que é

inseparável dos nossos processos emocionais. Na verdade, toda vida é um processo eletromagnético – segundo reconhece a medicina moderna – e o processo do desejo é decisivo para o seu desenrolar. A escritora russa Helena Blavatsky escreveu no século dezenove que o desejo passivo é a base para o desenvolvimento da vontade ativa. Para ela, “as emanções que procedem do corpo a cada esforço – seja mental ou físico – produzem automagnetização e êxtase”.²

Ora, a televisão, através dos seus programas, filmes e propaganda, desperta e manipula desejos que estão desconectados da vivência real do cidadão. Com isso, ela controla em parte o comportamento dos telespectadores que ficam expostos durante muito tempo à sua influência, fazendo com que eles percam contato com sua vontade autêntica e desenvolvam um magnetismo negativo.

O ser humano cresce interiormente quando sua vontade é própria e seu desejo é nobre. Sempre que estabelecemos uma meta altruísta e bela e trabalhamos intensamente para alcançá-la, estamos reunindo magnetismo puro em torno de nós e ao mesmo tempo fortalecendo nossa vontade. Esta é uma necessidade básica de todo ser humano e deve ser respeitada pelos meios de comunicação social.

É claro que não são apenas o rádio e a televisão que tendem a limitar a capacidade do cidadão de pensar e sentir por si mesmo. Este fato tampouco ocorre por acaso. Desde a infância, a alma tímida tem medo de assumir responsabilidade por sua vida. Na escola, obedece passivamente aos professores; em casa, aos pais. Se desobedecer, sofre castigo. No trabalho, faz o que o chefe recomenda, e nas horas de lazer assiste a um filme ou lê um livro que tomará conta do seu pensamento para que não tenha o trabalho de dirigi-lo. Isto gera um mal-estar que mais tarde pode transformar a pessoa em um rebelde ou revoltado. Mas a rebeldia tem a mesma substância da submissão. O indivíduo realmente desperto opta

pela criatividade e pela responsabilidade. Sem medo de obedecer ou de rebelar-se, faz em cada momento o que lhe parece correto e assume as conseqüências. Uma certa dose de condicionamento social é inevitável e positiva. Porém é indispensável respeitar, ao mesmo tempo, a necessidade de todo ser humano de estar consigo mesmo, ouvir a voz da sua própria consciência e ter vontade própria.

Quando chega em casa, o indivíduo esmagado pela sociedade de massas liga a televisão para sentir-se menos só. Ele sabe que a vida é breve, mas age como se fosse viver duzentos anos. Busca maneiras de passar mais rapidamente o precioso tempo livre da sua vida porque não sabe o que fazer com as horas, e por isso tem a impressão de que elas passam lentamente.

Já o cidadão da nova era não tem medo da solidão nem receia pensar no significado da vida. Ele gosta de examinar as situações em profundidade, e sabe que os processos mais importantes de comunicação não são verbais. Trocar um olhar inteligente com o cachorro, olhar o vento movimentando as folhas das árvores, ler um poema, acariciar a mulher ou pegar um filho no colo são comunicações de significado mais vital que saber como vai a economia da Coréia do Sul. Orar, meditar e observar o silêncio deixam-no mais bem informado que ler as páginas policiais e de esporte de qualquer grande jornal brasileiro. É preciso sair do computador, desligar a televisão e fechar o jornal para receber certas notícias diretamente da vida. Quando ele passeia pela natureza, respirando ar puro enquanto ouve o canto dos pássaros e o barulho das folhas tocadas pelo vento, dezenas de informações vitais atingem seu organismo físico e sua mente subconsciente a cada minuto que passa. Ele volta para sua casa sentindo-se mais completo do que se tivesse lido febrilmente a edição dominical dos cinco jornais de maior circulação e tiragem do país, ou trocado cinquenta mensagens urgentes pela Internet.

A necessidade de comunicação do ser humano é imensa. Ela é tão grande que não pode ser atendida por canais de

televisão por assinatura, telefone celular ou qualquer outro processo tecnológico e comercial. A comunicação só faz pleno sentido quando o coração humano está desperto, e então ela une cada cidadão a todos os seres, o tempo todo. Os processos tecnológicos são apenas instrumentos externos da necessidade humana de estar em contato com a maior parte possível do universo. Cada um de nós necessita saber como está o resto da humanidade, e também se há vida em Marte e em outros sistemas solares, e isto está perfeitamente correto. Mas se o excesso de informações verbais sufocar a nossa capacidade de contemplar a vida e de ouvir o silêncio, será melhor ler menos, saber menos da vida dos outros e sair silenciosamente para passear pela beira do mar ou por uma calçada tranqüila da nossa cidade.

A acelerada expansão dos meios de comunicação social – arrastada por interesses comerciais – está escondendo a necessidade humana de comunicação interior que se pode chamar de *comunhão*. O ser humano sofre hoje um déficit de comunicação consigo mesmo. Necessitamos escutar-nos para poder escutar os outros, e confiar em nós próprios antes de poder confiar nos outros. Posso trocar mensagens na Internet com *amigos desconhecidos* (um paradoxo da era da informática), mas também é importante estar aberto ao diálogo com meu colega, meu filho e minha esposa. Posso ter curiosidade em relação à oscilação das bolsas de valores, mas não devo perder a conexão com a beleza do pôr-do-sol. Posso trabalhar intensamente, mas é preciso encontrar tempo para sentar-me imóvel a cada dia e dedicar-me inteiramente à tarefa sagrada de meditar, ou seja, não fazer nada, não pensar e não preocupar-me com nada durante algum tempo.

Os meios de comunicação social são incapazes de neutralizar nossa necessidade de viver a vida diretamente. Filmes e jogos eletrônicos provocam estímulos neurológicos como se estivéssemos vivendo coisas espetaculares. Mas nossa saúde física, emocional e espiritual necessita contato sem intermediários eletrônicos com a nossa própria alma imortal e com

os outros seres vivos. Este contato é muito maior e mais importante do que a mera troca de palavras e imagens.

A manipulação das mentes

O escritor norte-americano Noam Chomsky está entre os críticos radicais do poder exagerado da mídia sobre o cidadão. Para ele, as grandes empresas de comunicação entregam a seu “mercado comprador” um produto extraordinário: o público que consome informação. Assim, conglomerados de empresas compram, dos meios de comunicação, acesso às mentes dos cidadãos e instalam nelas, por meio de mecanismos neurológicos, necessidades econômicas artificiais. Cansado depois de um dia de trabalho, o cidadão vê uma linda garota afirmando que comprar determinado produto é indispensável para sua felicidade pessoal. A garota estimula seu desejo, e ele acaba abandonando suas prioridades econômicas para comprar a mercadoria. Um desportista famoso anuncia uma marca nova de um eletrodoméstico, e o cidadão é outra vez vítima de um processo semi-hipnótico. A decisão de comprar passa a ser um ato semiconsciente, induzido pela propaganda repetitiva. Segundo Noam Chomsky, os meios de comunicação de massa “capturam” a mente do cidadão e “vendem” determinados espaços dela para grandes grupos econômicos. Este processo está presente também na escolha dos governantes.³

A função comercial está, de fato, exagerada em nossa sociedade. Nas sociedades primitivas, em que predominava a baixa tecnologia, as pessoas tinham muito mais tempo de lazer e para estar consigo mesmas e com os amigos. Na sociedade atual, com alta tecnologia, as pessoas são escravizadas pelo hábito de comprar e têm, em geral, menos tempo para relaxar e pensar sobre a vida. Distante da natureza, trancado em ambientes fechados nas grandes cidades, o ser humano necessita retomar contato direto com os ritmos básicos da vida.

A conduta humana é um processo vivo que possui uma

base psicofísica. O excesso de informação e estímulos neurológicos gerados eletronicamente desequilibra o processo psicológico humano de uma maneira difícil de detectar, porque se dá coletivamente. Milhares de cidadãos são mantidos como prisioneiros virtuais das emoções violentas induzidas eletronicamente pelo circuito fechado do sexo e da violência na TV. A curto prazo, parece bom negócio para os setores da economia que lucram com isso. A médio prazo, o processo gera uma decadência cultural e social generalizada que não é boa para ninguém e só pode ser superada através de uma nova postura diante da vida e da natureza: a postura da fraternidade e da não-manipulação.

Segundo Chomsky, a mídia é sensível à pressão popular. Leitores e telespectadores devem telefonar e escrever dando sua opinião e exigindo uma postura mais ética dos meios de comunicação. Por outro lado, a imprensa “nânica” e alternativa ocupa as brechas deixadas pela grande mídia e faz surgir uma nova mentalidade. Finalmente, a integridade e a honestidade profissional dos bons jornalistas e comunicadores abre espaço para a verdade no meio da selva de interesses comerciais e políticos.

Hazel Henderson, em um dos seus últimos livros sobre a transição para a nova era⁴, afirma que a existência de um jornalismo independente de controle governamental ou de grupos econômicos é uma das necessidades da democracia moderna. Ela afirma que a liberdade de imprensa já não pode ser apenas a liberdade dos proprietários de usar os meios de comunicação como quiserem; e que os leitores, ouvintes e telespectadores devem participar cada vez mais ativamente do processo da comunicação.

Seria ingênuo, é claro, pensar que o mero ativismo social poderá mudar os meios de comunicação. Só uma nova atitude do ser humano diante da vida quebrará o hipnotismo mercantilista que gera injustiça, escraviza pessoas à busca do dinheiro e condena milhões à miséria. Esta ilusão não nasceu no dia de ontem. Há 150 anos, Karl Marx já a chamava de “caráter de fetiche (de feitiço) da mercadoria”. A teosofista Helena Blavatsky (1831-1891) previu que “países inteiros”

cairiam sob fenômenos hipnóticos. É o que temos hoje. Alvin e Heidi Toffler descrevem o mesmo efeito em seu livro *Guer-ra e Antiguerra*:

“Os meios de comunicação (...) estão começando a criar um efeito de irrealidade quanto a eventos reais. Os primeiros críticos da televisão lamentavam a imersão que ela fazia do telespectador em um mundo vicário de telenovelas, risadas engarrafadas e falsas emoções. Essas preocupações irão parecer triviais amanhã, porque o novo sistema de comunicação social está criando um mundo inteiramente ‘fictício’, ao qual governos, exércitos e populações inteiras respondem como se fosse real. Por sua vez, as ações deles são, então, processadas pelos meios de comunicação e incorporadas ao fictício mosaico eletrônico que orienta nosso comportamento. Essa crescente ficcionalização da realidade é encontrada não apenas onde ela fica bem, nas comédias de situações e nos dramas, mas também na programação de noticiosos, onde pode provocar a mais mortal das conseqüências.”⁵ Como se pode romper esta ilusão coletiva? Para Helena Blavatsky, a alternativa está em cada cidadão viver a fraternidade universal, desenvolver o bom senso e purificar o seu coração.⁶

A quietude da sabedoria

Na nova era, a conduta do cidadão não será comandada por programas de auditório de televisão ou necessidades comerciais de grandes empresas. Informações inúteis não serão vendidas com tanto zelo como hoje, e a *novidade* deixará de ser vista como mais importante que a *verdade*. Velhas tradições ressurgirão. A arte e ciência de viver corretamente ocupará lugar de destaque em escolas, locais de trabalho e meios de comunicação social. Será dada razão ao filósofo romano Sêneca, que já condenava “a curiosidade inútil de aprender o que não é necessário” e afirmava, lembrando a bênção que é a sabedoria acumulada pela humanidade:

“Só aqueles que têm a quietude e que se desocupam para

dar espaço à sabedoria é que vivem”, verdadeiramente.⁷

A necessidade de equilíbrio entre palavras e atos ou informações e vivências está presente em todas as áreas da atividade humana. Dentro da busca religiosa, por exemplo, o excesso de informação mental é denunciado por todas as tradições esotéricas e místicas. O taoísmo, o zen, o cristianismo místico, o hinduísmo e todas as grandes religiões apontam para o silêncio como o território misterioso em que se pode encontrar a verdade.

A enxurrada de informações inúteis que assola os nossos meios de comunicação social ainda causa uma forte poluição da mente coletiva. É como se, na guerra humana contra a ignorância, o inimigo distraísse a mente humana abarrotando-a de fatores dispersivos, e atrasando a sua percepção do fato de que a vida é um processo glorioso que merece ser vivido conscientemente. A cobiça e o desejo provocam dor quando conseguem arrastar o cidadão adormecido. Mas a mente adulta encontra o equilíbrio e sabe selecionar as informações corretas, porque se preocupa mais com a qualidade do que com a quantidade.

O Que Fazer: Seis Idéias Concretas

- 1) Examine seu jornal diário e pense como ele deveria ser. Deveria haver uma seção dedicada à saúde holística? Outra à defesa do meio ambiente? O jornal deveria dar mais espaço às cartas de leitores, ou cobrir a vida política do país com um pouco mais de seriedade? Mande uma carta ou fax para o diretor discutindo seu jornal na condição de leitor fiel, reconhecendo os méritos do jornal. Faça sugestões de pauta pelo telefone.
- 2) Pense em organizar um abaixo-assinado dirigido ao

seu jornal. Veja em detalhes como fazer isso na seção **O Que Fazer** que está ao final do capítulo 4.

- 3) Se você é professor ou professora, faça com seus alunos uma análise crítica do seu jornal, estação de rádio ou televisão. Depois articule uma visita coletiva ao meio de comunicação. No dia acertado, leve um pequeno abaixo-assinado, faça críticas moderadas e sugestões positivas. Prepare um manifesto ou carta aberta ao jornal e distribua o texto a todos os jornalistas da redação ou funcionários da produção no caso da TV.
- 4) Você pode juntar alguns amigos e colegas e criar um grupo de ação pela democratização do seu jornal. Visitem a redação. Falem com o editor. Escrevam cartas. Critiquem as distorções. Elogiem o que estiver certo no jornal e peçam mais espaço para o que é saudável. Mantenham uma proporção de setenta por cento de ênfase nas soluções e alternativas e só trinta por cento de ênfase nas críticas ao que está errado. Tenham presente que cada pequena manifestação de vontade por parte do cidadão é levada em conta.
- 5) Apóie ativamente as experiências de comunicação alternativa. Dê sugestões aos seus editores e divulgue-as como for possível.
- 6) Reserve um tempo durante o dia para relaxar e estar livre de toda e qualquer informação. Não se intoxique com excesso de informações durante as horas de lazer, especialmente se elas girarem em torno de ondas de pensamento negativas. Prefira ler algo que eleve sua consciência. Medite.

Notas:

- 1) *Estudos de Estratégia*, coordenação do general Obino Lacerda Álvares, Biblioteca do Exército-Editora, 1973, 411 pp. Ver pp. 344-347.
- 2) *Isis Unveiled*, Helena P. Blavatsky, Theosophical University Press, Pasadena,

Califórnia, EUA, 1988, vol. I, p. 434.

- 3) *O Que o Tio Sam Realmente Quer*, Noam Chomsky, Editora da UnB, 152 pp. Ver pp.120-124 e também 127-128.
- 4) *Construindo Um Mundo Onde Todos Ganham*, Hazel Henderson, Ed. Cultrix, 387 pp. Ver pp. 130-141.
- 5) *Guerra e Antiguerra*, Alvin e Heidi Toffler, Editora Record, 1994, 374 pp. Ver p. 204.
- 6) *Helena Blavatsky*, Sylvia Cranston, Editora Teosófica, 678 pp. Ver pp.369-370.
- 7) *De la Brevedad de la Vida*, Sêneca, no volume *Sêneca, Tratados Filosóficos y Cartas*, Editorial Porrúa, México, 1998, 198 pp. Ver pp. 103-104.

A Comunicação Social

Dos Tempos Velhos...

- 1) Estimula uma curiosidade doentia sobre a vida alheia. Dá a leitores ou espectadores a ilusão de conviver com gente famosa, mostrando detalhes inúteis da sua vida pessoal.
- 2) Fala de problemas, descreve atos de violência com detalhes, transforma criminosos em pessoas famosas. Inspira rancor e revolta impotentes.
- 3) Descreve o ser humano como egoísta, voltado apenas para sua busca de poder pessoal ou posses materiais.

E da Nova Era...

- 1) Ensina como o cidadão pode assumir mais responsabilidade sobre sua vida, mostrando hábitos saudáveis e dando conhecimentos que permitem viver com sabedoria.
- 2) Aponta soluções e alternativas para os problemas que aborda. Descreve atos generosos, destaca pessoas que agem com altruísmo. Inspira sentimentos positivos.
- 3) Descreve o ser humano com suas crises e contradições, mas mostra que ele está voltado para o bem e que busca a felicidade.

- 4) Considera que todo o poder está em mãos dos governantes e dos grandes grupos econômicos e segue automaticamente as conveniências dos grupos de poder. Faz qualquer coisa para obter audiência ou leitores – menos demonstrar coragem política.
- 5) Supõe que todos têm motivações pessoais egoístas. Nivelava o ser humano por baixo.
- 6) Fala a partir do hemisfério cerebral esquerdo, que rotula, critica, e dá voltas em torno do passado.
- 7) Evita enfrentar as questões cruciais. Prefere informações que giram em torno de jogos de aparências.
- 4) Obedece ao poder da verdade. Põe limites ao jogo de conveniências, abre espaço para leitores e espectadores, e ganha prestígio seguindo um bom padrão ético. Conquista espaço por sua coragem editorial.
- 5) Dá destaque a causas nobres e projetos sociais altruístas.
- 6) Fala a partir dos dois hemisférios cerebrais, especialmente o direito, que é positivo, intuitivo, criador e voltado para o futuro.
- 7) Não tem medo de enfrentar as questões cruciais, porque confia no ser humano e no futuro.

4

Luz e Sombra na Televisão

Não adianta negar. A televisão brasileira é um reflexo, entre outros, da nossa mente coletiva. A enxurrada de lixo que invade a telinha de alguns anos para cá torna mais visível do que nunca uma forte maré de poluição mental que já vinha ameaçando o Brasil há muitos anos, através da velha fórmula de sexo, mentiras e violência.

Ao mesmo tempo, a multiplicação das cenas grotescas na telinha tem consequências múltiplas. Ela rompe o monopólio da realidade de faz-de-conta da Rede Globo, acelera a decadência da TV aberta e estimula o crescimento da TV por assinatura. Provoca um debate mais profundo sobre a responsabilidade ética da televisão e chama a atenção para o escancarado descumprimento das normas estabelecidas pela Constituição Federal, com a omissão quase total do Congresso e até mesmo do Ministério Público, cuja função é impor respeito às leis (veja o Anexo ao final deste capítulo). Os fatos convidam o cidadão a optar por um aparelho de vídeo, ou por canais alternativos como a CNN e o canal Futura. A Internet e os CD-Rooms são alternativas. Ler e meditar mais, dependendo menos de meios eletrônicos, também ganham força como opções de lazer.

Não há por que duvidar: a mente coletiva brasileira caminha em direção à luz radiante da nova era, e seria um enorme exagero pensar que a televisão pode deter esta marcha. Quando a sombra parece crescer demasiado, não há razões para desânimo. O que ocorre é que a luz, ao chegar, ilumina e torna visível o lado escuro da mente humana. Não há por que deixar-se hipnotizar por esse processo passageiro, que faz parte da dinâmica do amanhecer.

A fuga de si mesmo

A nossa televisão expressa o que o psicólogo e escritor Viktor Frankl chama de *neurose coletiva atual*, cujos três sintomas básicos são: *depressão* (tristeza), *agressão* (violência) e *adição* (dependência de álcool, cigarro e drogas). O problema central que causa tudo isso é a falta de percepção do sentido da vida. A programação de TV dá prioridade para o lixo mental porque esta é a opção desesperada de um público que já não vê a importância de viver segundo as definições e parâmetros éticos da época antiga, mas ainda não é capaz de focar sua consciência na nova era e assumir os compromissos que são necessários para redescobrir o sentido da vida. Para fugir à depressão, milhões de pessoas que não sabem conviver consigo mesmas se refugiam de sua realidade interior na TV, assistindo a cenas de violência física (como nos filmes), de violência emocional e mental (como nas telenovelas, dominadas por vilões) e de sexo (em filmes, novelas e programas de auditório).

Escrevendo sobre a necessidade de sentido para a vida, Viktor Frankl, criador da logoterapia, explica o exagero da sexualidade como um recurso para fugir da angústia:

“O instinto sexual hipertrofia-se facilmente, ocupando o espaço deixado pelo vazio existencial. Como todas as inflações, também a inflação sexual anda de braço dado com uma desvalorização; hoje em dia, a sexualidade vai-se desvalorizando na mesma medida em que se vai desumanizando. Ouso dizer que a sexualidade humana é sempre muito mais do que mera sexualidade, porque é um meio de expressão do amor, e só é verdadeiramente humana quando expressa amor.”¹

A fuga da angústia provoca mais sofrimento. O estímulo artificial do desejo sexual leva à insatisfação e a uma atitude não-construtiva diante da vida. Por outro lado, a violência dos filmes de televisão mostra a vida humana como algo que não merece respeito. É preciso perceber o sentido da vida para

ter respeito por ela.

Entre 1995 e 1997, uma comissão especial do Senado brasileiro fez um vasto levantamento sobre a realidade da programação de televisão em nosso país. Colheu testemunhos preciosos. Roberto Muylaert, que durante anos dirigiu a TV Cultura, de São Paulo, sugeriu providências imediatas contra “a utilização das frustrações ou das fantasias de natureza sexual para fins mercantis e a utilização de violência para fins de audiência”.

Walter Avancini, um experiente diretor de TV, declarou à comissão:

“O homem é capaz de criar os satélites. É capaz de criar um veículo de integração global e, nele, projeta-se a sua incapacidade de desenvolver-se no sentido espiritual, humano e ético. Assistimos, atualmente, através da televisão e dos veículos de informação, a essa busca que está presente em todos nós. Que mundo é este que a televisão nos mostra? Que incapacidade é esta do ser humano de encaminhar sua evolução para grandezas? Quando vejo as modalidades hoje existentes de televisão, fico na busca de algum referencial que seja um caminho para a humanidade, um caminho mais dignificante, menos assustador do que este que temos hoje...”²

Para Avancini, que comandou a TV Educativa do Rio de Janeiro e a TV Manchete, o profissional de televisão enfrenta hoje um desafio espiritual. “Quando vejo a maravilha das conquistas tecnológicas, que fazem parte de um processo criativo, sim, mas que são desenvolvidas a partir de intenções de dominar o mercado, fico preocupado, perguntando-me se a espécie humana vai ter vantagem nesse processo ou se a coisa colocada dessa maneira será um grande equívoco. A minha questão permanente, quando me aproximo desses veículos todos, bem como dos veículos tradicionais, teatro, cinema, jornais, e, mais ainda, quando me aproximo do meu semelhante, é: o que nos orienta? O que somos nós? Estamos apenas dançando ao

som de uma nova música, que nos leva a um estado de euforia, digamos, mas não nos abre caminho para o êxtase do espírito humano?”

Avancini alega que a televisão por assinatura nem sempre apresenta uma boa alternativa: “Antes, procurava-se uma programação interessante entre cinco ou seis canais, e hoje em dia percebemos que, na verdade, quem tem TV a cabo dispõe de trinta canais, mas, se tiver bom senso, acaba desligando a TV.”

Televisão sem alma?

Fernando Barbosa Lima, criador de inúmeros programas de televisão, entre eles *Sem Censura* e *Cara a Cara*, mostra que assistir à TV nos permite passar por uma experiência de onipresença da mente humana. “A TV está nos grandes estádios, viaja dentro do corpo humano e nas naves espaciais, acompanha lado a lado os pilotos de Fórmula 1, mostra presidentes, reis, rainhas e artistas. Não há mais limites para as câmeras de TV, elas já são os nossos olhos.”

Esta onipresença de cada telespectador, unido a milhões de telespectadores mundo afora, é fascinante. A mente humana, afinal, é uma só. Mas ela não pode viver esta unidade focada no ódio, no baixo astral ou nos instintos animais. A televisão globalizada foi criada para a nova era. Seu destino é expressar a vida da comunidade planetária. Deve ser capaz de ouvir o cidadão, de dar ao telespectador um lugar ativo no processo da comunicação, e de erguer o nível médio da mente humana, servindo como veículo da fraternidade universal, sem distinção de raça, credo, nacionalidade, classe social ou ideologia.

“Durante muitos anos fizemos uma televisão sem alma, sem compromisso com o nosso povo”, confessou Fernando Barbosa Lima à Comissão do Senado. “Tudo isso é muito triste, quando sabemos que o Brasil tem hoje uma televisão de alto padrão técnico. Nossos profissionais são os melhores do

mundo. Mas, se encontramos a forma, a estética, perdemos o conteúdo. Televisão é um bazar, um supermercado? Sua finalidade é apenas vender?”

Criada por iniciativa do senador Pedro Simon, que foi seu relator, a Comissão Especial do Senado sobre Rádio e TV fez um vasto levantamento sobre a realidade da televisão no Brasil. O Relatório Simon caiu no esquecimento desde sua apresentação, no final de 1997. O silêncio da mídia e das instituições federais é comprometedor, porque ali estão levantados fatos cuja lembrança é decisiva para o futuro da democracia e da convivência social em nosso país.

Em primeiro lugar, apesar das aparências, a população não tem estado satisfeita com o lixo que é jogado na televisão. Uma pesquisa Datafolha mostrou em novembro de 1997 que 72% dos paulistanos defendem a criação de um órgão fiscalizador da programação das emissoras. Apenas 13% opinaram que as TVs devem continuar sem controle algum. E nada menos do que 71% dos jovens ouvidos apóiam o controle da televisão. Isso indica que o povo assiste a programas de baixo nível por falta de opção, e não porque goste.

A então deputada Marta Suplicy criou um grupo de pessoas interessadas no assunto e propôs a criação de um órgão de defesa do telespectador. “É falso”, disse Marta, “o dilema colocado por alguns, para quem qualquer interferência no monopólio televisivo será a volta à censura. Países como Inglaterra, Suécia e França possuem órgãos que acolhem reclamações do público para avaliá-las e encaminhá-las à TV.”³ Um argumento falso, porém repetido até a exaustão e jamais aprofundado, assegura que “a censura não pode voltar”. Mas o que é censura? É o controle da atividade jornalística, especialmente no que diz respeito à realidade política, social e cultural. Certamente, a censura ao jornalismo não pode voltar. Outra coisa, inteiramente diferente, é o controle ético sobre os programas de entretenimento. Este é indispensável.

O tripé da violência

Um dos crimes mais graves cometidos pela televisão atual diz respeito à criança. Walter Avancini analisou os efeitos da telinha sobre a classe média: “Aos pais não cabe escolha. Vão em busca do alimento para seus filhos e não podem permanecer com eles. Jogam na roleta da sociedade brasileira o que acontecerá com esses filhos. Nesse caso, a televisão passa a ser o elemento de agregação das crianças dentro de casa. É a chamada babá eletrônica.” O que faz a babá? Uma pesquisa publicada pela jornalista Andréia Peres na revista *Cláudia*, em novembro de 1997, foi citada no *Relatório Simon*:

“Considerados inofensivos por pais, anunciantes e emissoras, os programas infantis exibem cenas de assédio e abuso sexual e têm um conteúdo preconceituoso que frequentemente passa despercebido. Os seguintes números revelam resultados de pesquisa em 151 horas e 30 minutos de programação infantil: 49 incidências de estereótipos sexuais; 46 estímulos eróticos visuais; 45 de culto ao corpo; 43 atitudes sensuais; 18 estímulos eróticos verbais; 15 carícias eróticas; 12 piadas maliciosas; dez estímulos eróticos musicais; nove referências a homossexualismo; oito fantasias sexuais, envolvendo ou não fetiches; oito relações sexuais simuladas e insinuadas; sete referências à sexualidade; duas referências à intenção de ter filhos.”⁴

Roberto Muijlaert fala de um *tripé da violência* na televisão brasileira. “O tripé é formado pela novela que trata sempre do mesmo assunto: é sempre o pobre que quer ficar rico, mas não rico como os ricos que conhecemos. São ricos que nem vemos, aqueles que só andam de helicóptero e têm ilhas em Angra dos Reis. Esses são os ricos das novelas. O público fica olhando e desejando aqueles falsos valores. Depois vem o comercial que diz que, se tivermos dinheiro, poderemos comprar. E, finalmente, todos os filmes são violentos e mostram com

requite como é que se faz para tomar à força aquilo que não se pode ter. Para mim, esta correlação é direta”, conclui Muijlaert.⁵

Felizmente, novas tendências saudáveis ganham espaço. A televisão – como mecanismo totalitário que hipnotiza amplos setores da população e os mantém girando em torno da cobiça de bens materiais, de sentimentos de ódio e busca de prazer de curto prazo – está perdendo seu poder. O jornalista Rosualdo Rodrigues, do *Correio Braziliense*, escreveu:⁶

“Toda a discussão em torno da acirrada e apelativa disputa entre Globo e SBT pela audiência das tardes de domingo serviu como despertador para a necessidade de discutir a qualidade da programação de tevê. O mais curioso é que, no momento em que a imprensa se assusta com o festival de baixarias que assola a telinha, surgem canais que são justamente o oposto disso tudo. Os canais Futura e TV Senac – ambos veiculados pela Net – vêm se juntar a uma luta que a TV Cultura e a rede de emissoras educativas, a Rede Brasil, vêm travando há muito tempo, que é a de fazer uma televisão voltada para a educação, sem ser excessivamente didática ou modorrenta.”

Resultado da associação de 13 entidades privadas, o canal Futura apresenta longa-metragens que são ponto de partida para uma discussão entre estudantes e profissionais sobre a realidade de determinadas profissões. Sua programação evolui mês a mês. Conhecido como “o canal do conhecimento”, o Futura populariza a literatura e fortalece a vida comunitária. Já o canal de TV Senac segue a mesma filosofia do Futura, mas tem como prioridade a formação profissional do jovem e o mercado de trabalho que ele deve enfrentar.

Na TV Comunitária de Brasília, há desde 1998 uma experiência alternativa importante, com programas diários da organização não-governamental União Planetária e também da Sociedade Teosófica no Brasil. O programa da União Pla-

netária – UP – está voltado para a proposta de uma nova civilização, global e fraterna, que seja politicamente participativa, socialmente justa e ecologicamente sustentável. O programa teosófico prioriza a busca da sabedoria divina presente nas grandes religiões e filosofias, antigas e modernas, e nas principais áreas de conhecimento científico. A TV Comunitária de Brasília – organizada pela “Associação das Entidades Usuárias de Canal Comunitário na TV a Cabo no DF” – tem também vários outros programas voltados para entidades sem fins lucrativos⁷. Marco Aurélio Bilibio, do Departamento de Vídeo da Sociedade Teosófica, pensa em uma televisão voltada para a sabedoria e o autoconhecimento:

“É sabido que o Brasil lê pouco”, diz ele. “Há uma grande maioria de pessoas que têm suas necessidades de informação e lazer satisfeitas pelas grandes redes de TV e rádio. Segundo um conhecido cineasta, as programações destas redes, com o objetivo de atingir simultaneamente diversos segmentos sociais, tratam as pessoas como se tivessem uma idade mental de doze anos, estimulando a mediocridade e a alienação. Produzem programas que possam ser entendidos por crianças, usando refinadas técnicas de roteiro, direção e edição, para fazer com que programações de conteúdo vazio, ou até mesmo pernicioso, pareçam interessantes.”

Marco Aurélio prevê o surgimento de televisões por assinatura voltadas para o uso do conhecimento divino na vida diária e para o aperfeiçoamento do ser humano, com “uma variada programação de filmes e documentários que expressem visões teosóficas e mostrem a presença da sabedoria nas tradições espirituais, na ciência, na filosofia e dentro de cada um de nós.”

Há, por outro lado, pequenos sinais revitalizadores também na televisão aberta, especialmente nas televisões educativas.

Uma omissão assombrosa

A falta de equilíbrio e bom senso na programação dos canais de televisão de grande audiência, aceita passivamente por milhões de pessoas como se fosse parte da ordem natural das coisas, é, na verdade, completamente ilegal. A assombrosa omissão das autoridades diante deste fato mostra como é frágil o nosso estado de direito. O código de ética da própria Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert) define: “As emissoras transmitirão entretenimento do maior nível artístico e moral, seja de sua produção, seja de terceiros...” (art. 5º). A Abert anuncia que “os programas transmitidos não terão cunho obsceno e não advogarão qualquer forma de perversão sexual...” (art. 8º). A violência só será mostrada, segundo o artigo 10º do código de ética, dentro de uma trama consistente do ponto de vista artístico e social, “acompanhada de uma demonstração das conseqüências desagradáveis para aqueles que a praticam”.

Não há nada de muito avançado nestes trechos do código de ética da Abert. Trata-se do mínimo razoável para um país civilizado. Já a Constituição de 1988 estabelece, em seu artigo 221, os seguintes princípios a serem obedecidos pela programação de rádio e TV: 1) preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; 2) promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente; 3) regionalização da produção cultural, artística e jornalística; 4) respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família (veja o Anexo com trechos da Constituição no final deste capítulo).

Apesar disso, nos últimos anos, o nível dos programas de televisão foi descendo à medida que aumentava a luta pela audiência. Expressões chulas, palavrões, cenas semipornográficas eram apresentados como se fossem provas de coragem e de originalidade em programas de auditório das principais redes de televisão. Filmes violentos e pornográficos e novelas

abusando do sexo em horário em que crianças assistem à TV passaram a tomar conta das grades de programação. Valia tudo na guerra por audiência. As autoridades não reagiram. Não fizeram sequer uma campanha educativa. Não mostraram a Constituição Federal aos diretores de televisão. Com a omissão do Poder Executivo, os procuradores do Ministério Público Federal bem poderiam reler o artigo 129 da Constituição, que diz: “É função do Ministério Público (...) zelar pelo efetivo respeito dos poderes públicos e serviços de relevância pública aos direitos assegurados nesta Constituição”. O fato é que o *besteirol* alastrou-se com um jeito progressista, como se toda moralidade fosse errada, e só a vulgaridade e o desrespeito merecessem Ibope. Comentando o dilema ético da televisão, o jornalista Boris Casoy já escreveu em 1994, na *Revista de Cultura Vozes*: “Como evitar a invasão do lixo moral e ético através da televisão, um instrumento que ocupa lugar de honra em grande parte dos lares brasileiros? Não seria nenhum exagero dizer que ética e a moral da TV brasileira são comandadas pelo Ibope.”⁸

A questão do cumprimento das leis e do dever de cada um é fundamental. Jean-Jacques Rousseau, o pensador francês do século dezoito, escreveu⁹: “Os povos verdadeiramente corrompidos não são tanto aqueles que têm más leis quanto aqueles que menosprezam as leis.” Do ponto de vista espiritual, a lei do carma ou da ação e reação rege a evolução humana, e isso faz do cumprimento do dever algo decisivo, também, para a sociedade brasileira. Ao ser empossado no cargo, todo presidente assume o compromisso solene de manter, defender e cumprir a Constituição, que agora está sendo ignorada, no entanto, em relação aos meios de comunicação de massa. O cumprimento ou não deste dever é decisivo. Muitas pessoas são co-responsáveis pelo mau uso da televisão, mas do ponto de vista espiritual e cármico, o fato de o erro estar sendo cometido por numerosas autoridades e inúmeros cidadãos não o torna menos errado

nem libera pessoa alguma de sua responsabilidade. Ninguém escapará das conseqüências dos seus atos. Nada impedirá o crescimento espiritual da população brasileira, que se vai alimentando das suas próprias derrotas e transforma cada fracasso numa lição útil para o futuro.

A Confissão de Pedro Simon

O Senador Pedro Simon, relator da comissão do Senado, explica a omissão do Congresso em relação à questão do lixo na TV: “Vou ser sincero. No momento em que o Congresso vai legislar, há *lobbies* muito duros. O negócio começa com os parlamentares que têm emissoras de televisão e rádio, que já são muitos, e que estão legislando em causa própria. Um tem uma repetidora de televisão, outro tem uma rádio. Os que não têm, querem ter no futuro, sonham um dia vir a ter. De outro lado, são os *lobbies* propriamente ditos. Então eles começam a agir, das maneiras mais complexas que podem existir (...) Penso que tinha de haver um espírito de grandeza da parte de todos para encontrarmos uma saída. (...)” (Da publicação *Cadernos da Comissão de Rádio e TV*, Senado Federal, 1997, p.64.)

Notas:

- 1) *Sede de Sentido*, de Viktor Frankl, Editora Quadrante, SP, 1989, 67 pp. Ver pp. 23 a 25.
- 2) *Cadernos da Comissão de Rádio e TV*, Senado Federal, Brasília, 1997, 209 pp. Um documento de grande valor. O depoimento de Avancini está nas páginas 137 a 161.
- 3) *Folha de S. Paulo*, SP, 24/11/97, p. 03, artigo de Marta Suplicy citado em *Relatório, Senador Pedro Simon, Comissão Especial de Análise da Programação de Rádio e TV*, Senado Federal, 1997, 285 pp. Ver p. 78.
- 4) *Relatório, Senador Pedro Simon*, documento citado, p. 71.
- 5) *Cadernos da Comissão de Rádio e TV*, ob. citada, p. 18
- 6) “À Margem da Concorrência”, artigo de Rosaldo Rodrigues publicado no

Correio Braziliense de 9/11/97 e reproduzido no *Relatório, Senador Pedro Simon*, documento citado, pp. 73 e 74.

- 7) Mais informações sobre os programas da Sociedade Teosófica e da *União Planetária* na TV *Comunitária* de Brasília podem ser obtidas pelo telefone (0xx) (61) 226 0662, da Sociedade Teosófica.
- 8) *Revista de Cultura Vozes*, maio/junho de 1994, artigo de Boris Casoy intitulado "O Lixo na TV", citado em *Relatório, Senador Pedro Simon*, documento citado, p.59.
- 9) "Discurso Sobre as Ciências e as Artes", J. J. Rousseau, texto incluído no volume *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de J. J. Rousseau, ed. Martins Fontes, 1993, ver pp. 39-40.

ANEXO

Trechos da Constituição da República:

CAPÍTULO IV DAS FUNÇÕES ESSENCIAIS À JUSTIÇA

Artigo 127 – O Ministério Público é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.

(...)

Artigo 129 – São funções institucionais do Ministério Público:

(...)

II – zelar pelo efetivo respeito dos Poderes Públicos e dos serviços de relevância pública aos direitos assegurados nesta Constituição, promovendo as medidas necessárias a sua garantia;

III – promover o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos;

(...)

CAPÍTULO V DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Artigo 220 – A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no artigo 5º, IV, V, X, XIII, e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I – regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendam, locais e horários em que sua apresentação se mostra inadequada;

II – estabelecer os meios legais que garantam às pessoas e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no artigo 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

[A Lei nº 9.294, de 15-7-1996, regulamentada pelo Decreto nº 2.018, de 1º-10-1996, dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas aqui referidos.]

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

Artigo 221 – A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Artigo 222 – A propriedade de empresa jornalística e de radiodifusão sonora e de sons e imagens é privativa de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, aos quais caberá a responsabilidade por sua administração e orientação intelectual.

§ 1º É vedada a participação de pessoa jurídica no capital social de empresa jornalística ou de radiodifusão, exceto a de partido político e de sociedades cujo capital pertença exclusiva e nominalmente a brasileiros.

§ 2º A participação referida no parágrafo anterior só se efetuará através de capital sem direito a voto e não poderá exceder a trinta por cento do capital social.

Artigo 223 – Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observando o princípio da complementariedade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do artigo 64, §§ 2º e 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não-renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze anos para as de televisão.

Artigo 224 – Para os efeitos do disposto neste capítulo, o Congresso Nacional instituirá, como órgão auxiliar, o Conselho de Comunicação Social na forma da lei.

[A Lei nº 8.389, de 30-12-1991, institui o Conselho aqui referido.]

CAPÍTULO VII DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE E DO IDOSO

Artigo 226 – A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

(...)

Artigo 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade, e opressão.

O Que Fazer:

Colhendo Assinaturas Para Mudar a TV

Fazer um abaixo-assinado é um fato concreto cujo grande poder educativo se desdobra simultaneamente em várias frentes. Em primeiro lugar, ao colher assinaturas de apoio a uma causa nobre, você educa a si mesmo, descobrindo o seu próprio poder de transformar, como cidadão ativo, um aspecto da realidade brasileira. Em segundo lugar, você educa a população ao mobilizá-la para que seja capaz de defender os seus interesses. Pessoas simples de todas as idades e classes sociais serão informadas sobre o tema que o abaixo-assinado levanta, e assumirão a responsabilidade de tomar uma posição pública a respeito. As autoridades administrativas e judiciais ou lideranças empresariais que receberem o abaixo-assinado aprenderão a reconhecer a força da comunidade. A coleta de assinaturas crescerá como uma corrente de solidariedade, alcançando vários setores e criando novos ativistas sociais.

Você pode organizar um abaixo-assinado em nome da sua associação comunitária ou ecológica, ou mesmo sem vinculá-lo a qualquer instituição, mas é importante que cada assinatura esteja ao lado do nome legível de quem assina, do seu endereço legível, com bairro, cidade e Estado. O telefone pode ser útil. O cuidado para que cada assinatura coletada venha acompanhada dos dados corretos é essencial para a legitimidade da mobilização. No caso de crianças assinarem, é importante colocar a idade de cada pessoa. Crianças têm direitos e, portanto, podem assinar um abaixo-assinado se estiverem bem conscientes do que estão fazendo.

do. Não se ganha nada coletando assinaturas de pessoas que não compreendam bem ou não dêem a devida importância à questão levantada pelo abaixo-assinado.

Você e seus amigos podem organizar um abaixo-assinado dirigido ao diretor do seu jornal, estação de rádio e TV. Reconhecendo os méritos do veículo de comunicação e sua importância para a comunidade, podem solicitar ou sugerir que ele dê, por exemplo, menos espaço para notícias sobre crimes, futilidades, moda ou sexo, e mais espaço para as soluções necessárias dos problemas da comunidade; para notícias boas, e para uma reflexão madura sobre a sociedade justa em que todos querem viver. Um abaixo-assinado com centenas ou milhares de nomes tem um forte impacto sobre a direção de qualquer veículo de comunicação social. Você e seus companheiros de ação comunitária também podem dar suas sugestões por telefone aos responsáveis pelos meios de comunicação. A idéia-chave é a mobilização democrática em torno de soluções práticas e criativas.

A seguir, como exemplo, um modelo de abaixo-assinado dirigido ao Procurador-Geral da República.

**Excelentíssimo Procurador-Geral da República
Brasília, DF**

[Acrescentar endereço completo da Procuradoria]

Os abaixo-assinados solicitam providências para que a Constituição brasileira seja cumprida no que diz respeito à programação de televisão. O Artigo 221 da Constituição estabelece prioridades educativas, artísticas, culturais e informativas para o rádio e a televisão, afirmando que um dos princípios que devem guiar a programação é o respeito aos valores éticos e sociais da família. O Artigo 220 recomenda a criação de meios legais que garantam à pessoa e à família a possibili-

dade de se defenderem de programas de rádio e TV que contrariem o disposto no Artigo 221. O Artigo 226 assegura que a família, base da sociedade, tem proteção especial do Estado. O Artigo 227 afirma que é dever da família e do Estado assegurar à criança e ao adolescente acesso à cultura e à dignidade. A programação da TV brasileira, cujo impacto sobre a formação das nossas crianças é enorme, contraria, em muitos casos, os artigos citados acima. Solicitamos que o Ministério Público, de acordo com o artigo 129 da Constituição, garanta o cumprimento das normas apontadas acima.

[Segue-se a lista com nomes legíveis, assinaturas, números de cédulas de identidade e endereços, incluindo o nome da cidade. Pode ser interessante acrescentar os telefones. Ponha com letras pequenas em cada página do abaixo-assinado telefone para contato e endereço postal dos organizadores. Assim, cada cidadão poderá fotocopiar a página, preenchê-la e mandar as assinaturas aos organizadores.]

5

O Poder de Visualizar

Em última instância, a batalha pela qualidade do conteúdo dos meios de comunicação social não se dá fora, mas dentro da consciência de cada cidadão. A mente humana trabalha com imagens o tempo todo. A imaginação é a arte de criar imagens. O que você é, hoje, resulta do que você imaginou antes. O que você será no futuro depende do que você imagina agora. Por isso a decisão sobre que imagens passam pela sua tela mental é demasiado séria para que seja tomada pelos diretores de algum meio de comunicação social cuja única prioridade é ter uma audiência que lhes permita vender mais caro os espaços de propaganda comercial. Pensar é associar imagens em uma certa seqüência, com determinada lógica. Devemos assumir a nossa condição essencial de autores e diretores das nossas vidas, definindo o rumo dos nossos próprios pensamentos. Só depois disso, num plano mais externo, o rumo das programações de TV poderá ser decidido de modo realmente adequado.

O ser humano tem alma e não é um robô. Por isso, não estamos limitados às imagens externas do que vemos ao nosso redor. Ao contrário: sempre vemos o mundo à luz das nossas próprias imagens internas. E também lançamos criativamente sobre o mundo nossas visões interiores, que buscam espaço para sua materialização, sejamos conscientes ou não deste fato.

Se crio imagens a partir de um sentimento de medo, estou lançando sobre a luz astral ou *akasha* uma série de imagens negativas que, quando houver uma oportunidade, vão tender a materializar-se. Se, ao contrário, criar imagens a partir de um sentimento básico de confiança, auto-estima e amor à vida, estarei produzindo imagens luminosas e positivas que,

havendo uma oportunidade, se materializarão com força maior ou menor, dependendo do vigor da minha intenção e da clareza e nitidez com que foram construídas.

Enquanto vivemos, funcionamos como um projetor e uma tela. Projeto na tela da minha consciência minhas próprias imagens, ao mesmo tempo que recebo nesta tela as imagens – sentimentos e pensamentos – de outras pessoas, da minha comunidade local, do meu país e do conjunto da humanidade. Para não falar da natureza, dos animais, do vento e das plantas.

Combinando imagens

Se eu estiver deprimido ou frustrado, posso estar recebendo imagens externas positivas e continuar triste ou irritado enquanto as imagens internas forem mais poderosas. Se estou feliz e equilibrado posso receber imagens negativas de fora e continuar sentindo-me bem enquanto o impacto da energia positiva em meu coração e minha mente for mais forte. As combinações positivas entre imagens que surgem de dentro e que surgem de fora são infinitas. Este é um processo químico e alquímico. O mundo interno e o mundo externo trocam energia o tempo todo, e a troca é multidimensional. A ciência da vida consiste em assumir responsabilidade por este processo, aceitando a posição de diretor executivo dos meus próprios estados de consciência.

Mas não basta repetir para si mesmo, sem parar, alguma frase como “está tudo bem, está tudo ótimo”. É preciso estudar e conhecer cada vez melhor todo o processo da consciência humana tal como ocorre em nossa vida. Temos inúmeros níveis e subníveis de consciência. A observação isenta, sem autojustificação e sem autocondenação, é essencial. Querer mudar prematuramente é como começar uma caminhada

sem lembrar-se, antes, de desamarrar os pés. Quando examinamos nossa própria vida, a pressa de chegar a uma absolvição ou condenação é resultado do medo do silêncio ou do imponderável. Mas a prática mostra que é preciso aceitar a ausência momentânea de imagens mentais para perceber a energia do coração e ter, então, acesso claro às imagens primordiais, sutis, transcendentais e inspiradoras. É no silêncio que se ouve a voz-sem-palavras da intuição, e é na ausência de imagens mentais que se vê o que é transcendente e indescritível.

O processo multidimensional e infinito de formação de imagens não se divide, é claro, apenas entre mundo externo e mundo interno. A maior parte das nossas imagens internas têm a ver com as nossas reações emocionais diante de informações trazidas pelos cinco sentidos. O desejo e a vontade se expressam por imagens. Você se vê fazendo um passeio a pé, ou trabalhando com algo que você gosta, ou visualiza a meta dos seus esforços. Há uma infinidade de imagens estimulando diferentes áreas mentais, emocionais e intuitivas da sua consciência o tempo todo, mesmo durante o sono. Sua tela mental-emocional é um resumo do universo, e é necessário calar os ruídos externos para ouvir a vida espiritual. Ou, se você preferir, é preciso fortalecer o som da vida espiritual para que se aquietem os barulhos e a agitação do mundo ao seu redor.

Quando isto ocorre, percebemos, afinal, com nitidez luminosa, qual é o propósito da vida: o auto-aperfeiçoamento; a compreensão e eliminação da causa da dor; a felicidade incondicional; a paz interior – há mil palavras e imagens para o mesmo fato imponderável que é o sentido da vida. Não da vida humana, apenas, mas de toda a vida. Os budistas estão certos ao desejar “paz a todos os seres”, e não apenas “paz à humanidade”. Não há nada separado no universo. Para desejar a felicidade de algo, ou alguém, é preciso trabalhar pela felicidade de todos.

Há um tipo específico de inteligência pela qual usamos

conscientemente a força da visualização. Através da inteligência visual, empregamos construtivamente o poder das imagens mentais. Assim, desativamos os hábitos mecânicos de pensar negativamente, e aceitamos a bênção do aparente vazio, porque percebemos o poder infinito que há entre uma imagem e outra, entre um *fotograma* e outro do nosso filme ou drama pessoal.

O poder da visualização deve ser usado coletivamente com sabedoria para que possamos resolver o quebra-cabeça da transição para uma sociedade mais justa no século 21. Toda realidade social é resultado do pensamento e da imaginação criadora dos cidadãos envolvidos. Cabe a cada um usar corretamente a sua imaginação. Somos todos elos - mais ou menos conscientes - da corrente de transmissão da energia interior da nova era para o mundo concreto das relações humanas.

Meditando pelo Brasil

Para concluir este capítulo, façamos um exercício prático. Trata-se de uma meditação que rompe o circuito fechado de imagens negativas sobre o Brasil e abre espaço para o processo de regeneração social que marcará o nosso futuro. Você pode praticar esse exercício individualmente ou em grupo, em sua associação, sindicato ou movimento comunitário. De preferência, escolha um local onde haja silêncio e ar puro.

1) Sentado, com os pés bem plantados no chão, as partes superiores e inferiores das pernas formando ângulo reto, fique com a coluna ereta.

2) Respire calma e profundamente. Deixe de lado toda preocupação com assuntos pessoais de curto e médio prazo.

3) Relaxe os pés, depois as pernas, as mãos, os braços, e finalmente os músculos do rosto. Sinta o contraste entre a

musculatura relaxada e a coluna vertebral firme. Assim devemos ser diante da vida: firmes no essencial e flexíveis no que é secundário.

4) Pense na dor centenária do povo brasileiro e no sofrimento coletivo que houve desde o ano de 1500. Pense nos jovens e velhos que sofrem devido às secas, às enchentes, à miséria, ao desemprego, à violência urbana, e à falta de atendimento nos hospitais públicos. Pense na sua própria dor. Em tudo o que você sofreu até hoje. Perceba como a experiência humana transmuta a dor em sabedoria. Admita que todo o obstáculo, grande ou pequeno, existe para ensinar-nos uma lição, e que nossa tarefa diante da vida não é lamentar-nos, mas crescer interiormente.

5) Veja agora a intuição e a solidariedade iluminando as relações entre todos os brasileiros. Imagine a população despertando para o mundo espiritual a partir da sua vida diária concreta. Cada cidade acordando para a solução fraterna e participativa dos seus problemas imediatos.

6) Veja os meios de comunicação social atuando a serviço da vida, pesquisando e transmitindo sabedoria, e promovendo uma espécie de assembléia geral permanente do povo brasileiro, cujo grande tema seja *como atuar de modo correto, individual e coletivamente, a cada momento da vida cotidiana*. Visualize o rádio, a televisão e os jornais brasileiros defendendo os interesses da nossa população. Decida fazer alguma coisa de prático a respeito, ou renove a sua decisão se ela já foi tomada.

7) Visualize dirigentes sinceros ouvindo de coração o povo brasileiro, em nível federal, estadual e municipal. Imagine a sua cidade e o Brasil como territórios livres da desonestidade e do sofrimento que ela causa. Como espaços livres para a nova era de fraternidade entre todos os seres. Guarde consigo esta imagem. Mantenha-a nítida em sua mente e seu coração. **Faça com que ela seja mais forte que quaisquer sentimentos negativos. Assim você estará não só desenvolvendo o poder**

da sua própria vontade espiritual, mas também será um foco criador de uma sociedade melhor.

6

Além da Informação: a Paz Interior

A questão do uso correto da informação na nova era global não está restrita ao jornalismo. Informação é conhecimento, e o problema de fundo é o que fazemos com o conhecimento: se o usamos para viver melhor ou caímos no erro e na preguiça.

A visão de Rousseau

Foi abordando este tema que o polêmico pensador Jean-Jacques Rousseau alcançou notoriedade, em 1750, com seu *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*. Ali ele defendia a tese de que, até aquele momento, o aumento do conhecimento humano não estava fazendo com que a humanidade vivesse melhor. Ao contrário, acentuava as desigualdades sociais, o apego das elites ao luxo e a corrupção dos costumes. Rousseau formulava assim o ponto de vista que defenderia durante o resto da sua vida: o homem é naturalmente bom, mas deve aprender a ouvir a sua alma em vez de apenas buscar mais informação e conhecimento. Seu ponto de partida era o filósofo Sócrates, que refletiu sobre a fragilidade do conhecimento humano e dizia: “só sei que nada sei”. O sábio grego preferia a humildade do coração à arrogância da mente, mas desmontava, pelo diálogo, a presunção de quantos julgavam saber tudo sobre a vida ou sobre um aspecto da vida. O *Discurso* de Rousseau cita palavras de Sócrates:

“Não sabemos, nem os sofistas, nem os poetas, nem os oradores, nem os artistas, nem eu, o que é a verdade, o bom, o belo. Mas há entre nós uma diferença: é que, embora estas

peças nada saibam, todas elas acreditam saber algo. Ao passo que eu, se nada sei, não tenho dúvida disso. De modo que toda esta superioridade de sabedoria, que me é concedida pelo oráculo, reduz-se a estar bem convencido de que ignoro o que não sei.”

Em seguida, Rousseau comenta:

“Aí está, portanto, o mais sábio dos homens no juízo dos deuses e o mais sábio dos atenienses na opinião da Grécia inteira, Sócrates, fazendo o elogio da ignorância! Seria de supor que, se ele ressuscitasse entre nós, nossos sábios e nossos artistas o fariam mudar de opinião? Não, senhores, este homem justo continuaria a menosprezar nossas ciências vãs, não ajudaria a engrossar esta profusão de livros com que nos inundam de todas as partes, e só deixaria, como o fez, como único preceito aos seus discípulos e aos nossos descendentes, o exemplo e a memória da sua virtude.”¹

Crítico, paradoxal, torturado pelas suas angústias pessoais, Rousseau não pretende negar a importância do conhecimento, mas aponta para uma questão que é fundamental para o ser humano e para o jornalismo de todos os tempos: o que fazemos com os dados e as informações de que dispomos? Nós os usamos para o bem? Ou usamos nosso conhecimento para, através do egoísmo, cometer mais erros e erros mais graves que os que seríamos capazes de fazer, se ao menos tivéssemos mantido a simplicidade de coração e não a tivéssemos trocado por falso conhecimento?

A questão de uso ético da informação jornalística foi abordada com clareza magistral pelo pioneiro “*Correio Braziliense*”, no parágrafo de abertura da sua primeira edição, em junho de 1808. Ali o editor Hipólito José da Costa traçou o paradigma do bom jornalismo a ser seguido no século 21:

– “O primeiro dever do homem em sociedade é de ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo suas forças físicas, ou morais, administrar em benefício da sociedade os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a

educação lhe deu. O indivíduo que busca o bem geral de uma sociedade vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes que ele espalha tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia e do engano. Ninguém mais útil, pois, do que aquele que busca mostrar, com evidências, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas públicas, quando estes, munidos de uma crítica sã e de um critério adequado, apresentam fatos do momento, reflexões sobre o passado, e sólidas conjeturas sobre o futuro.”²

Pode ser tentador para o editor e o redator abandonar o rumo ético em função de vantagens de curto prazo nas áreas do dinheiro ou da fama. Mas o verdadeiro prestígio – que não tem preço – é duradouro. Ele só pode ser conquistado ao longo do tempo e através da prática da veracidade e da coerência consigo mesmo e com os outros. Nenhuma campanha de marketing pode substituir a verdade. Um editor de jornal cuja meta seja ter a felicidade interna de quem sabe que cumpre bem o seu dever – objetivo supremo da carma ioga – pode submeter cada edição da sua publicação a um questionário como este:

1. As informações contidas nesta edição são verdadeiras?
2. Elas são justas para com todos os envolvidos?
3. Esta edição da publicação ajuda a construir boa vontade e melhores relações humanas e sociais?
4. Em resumo, a leitura da publicação fará bem e será, de fato, útil aos leitores?³

As mesmas questões podem ser aplicadas às reportagens e textos escritos por qualquer redator. O desafio maior está no desenvolvimento da simplicidade e da sinceridade no coração humano, e o jornalismo tem como função acelerar, e não reprimir este processo. Há uma diferença enorme e sutil entre ter informações e compreender a verdade. A preocupação de transcender o mero conhecimento superficial-

al das coisas e alcançar o conhecimento da alma e da vida, através da observação direta, está muito presente nas filosofias orientais. Há uma velha lenda taoísta que exemplifica este ensinamento.

A história de Fan

Conta-se que, certo dia, um estudioso chinês deixou de lado sua carreira brilhante na cidade para ir morar em uma cabana situada em uma cadeia de montanhas, junto a um córrego de águas puras. Fan – este era o seu nome – estava cansado do mundo, do conhecimento superficial e da agitação em torno de coisas inúteis. Queria dedicar-se apenas à busca silenciosa da sabedoria interior.

Passaram-se três anos de retiro. Fan já vivia em profunda unidade com o vento, o solo, as montanhas, as nuvens e o córrego, mas ainda se perguntava: “Onde está o Tao, o Caminho, a Luz Eterna?” Foi então que, ao entardecer, apareceu diante dele um jovem sábio – certamente um imortal – e lhe disse:

“Como espírito do córrego que passa em frente à sua cabana, tenho a honra de ser seu vizinho mais próximo. Quero perguntar-lhe como pode ser que um estudioso tão notável como você não consiga encontrar o ponto inicial do Caminho, já que ele está, afinal, bem na frente do seu nariz.

Fan, paralisado, não soube o que dizer.

“Meu amigo, este é um sinal da sua inteligência”, prosseguiu o espírito, retomando a palavra. “Muitas pessoas estão convencidas de que compreenderam o Caminho embora, na realidade, não tenham motivo algum para pensar isso. Faça o seguinte: procure o Tao na neblina que flutua sobre os vales. Até hoje você nunca prestou atenção a ela.” Inclinando-se para a frente, com as mãos unidas em respeitosa saudação, o espírito desapareceu no ar.

Passaram-se mais três anos. O estudioso permanecia todos os dias imóvel, sentado sobre uma pedra, contemplando lá embaixo a névoa que pairava sobre os vales. Os vizinhos consideravam-no um santo, um imortal. A meditação prosseguia, lua após lua. Um dia Fan se ergue subitamente do lugar em que meditava. Cheio de contentamento irreprimível, vai até o córrego, que brota da sua fonte oculta, e invoca o espírito imortal que lhe aparecera.

“Não precisa dizer”, soou a voz alta do sábio. “Você encontrou o Caminho. Posso perguntar como ocorreu?”

Fan riu, feliz, e disse:

“Por que você não falou antes? Eu não *encontrei* o Caminho. Apenas, de repente, dei-me conta de que nunca o perdera e que ele estava comigo desde sempre. Nascer, respirar, comer, beber, andar, dormir, morrer – tudo é parte do Tao. Gastar anos em busca do que nunca se perdeu é, de fato, uma piada.”⁴

Para a filosofia do extremo Oriente, a atitude diante da vida deve ser imediata, espontânea e simples. As complicações e artifícios mentais nos afastam da verdade. Um velho texto atribuído ao lendário mestre Lao Tsé, e escrito possivelmente no século I antes de Cristo, foi publicado há alguns anos no Ocidente e traz uma grande contribuição ao estudo da sabedoria chinesa clássica. Trata-se de *Wen-Tzu*, também conhecido como *A Compreensão dos Mistérios*, livro que o estudioso Thomas Cleary verteu para o inglês em 1991. Precioso como o ouro alquímico, simples como um pedaço de pedra, misterioso como um oceano infinito, o *Wen-Tzu* é um tratado sobre a sabedoria da alma.

“As pessoas instruídas chegam muitas vezes a um beco sem saída”, ensina Lao Tsé. “Melhor que isso é manter-se equilibrado. Deixe de lado o teorismo e não terá preocupações; ponha um ponto final à astúcia, abandone o conhecimento, e as pessoas se beneficiarão enormemente.”

Desejos são decisivos

Uma questão crucial do taoísmo está nos desejos, que, como vimos no capítulo três, determinam — segundo Helena Blavatsky — o magnetismo que rodeia o nosso corpo físico. Se o desejo é egoísta e escraviza o pensamento, a verdade foge de imediato pela janela mais próxima. “Quando as pessoas abandonam sua natureza essencial para seguir seus desejos”, ensina Lao Tsé, “suas ações nunca são corretas. Governar uma nação desta maneira desemboca no caos; governar a si mesmo deste modo desemboca na desonra.(...) A natureza essencial do ser humano não tem perversão nem corrupção, mas depois de uma longa imersão nas coisas externas isto muda facilmente, de maneira que esquecemos nossas raízes e nos adaptamos a uma natureza aparente.” Para Lao Tsé, o velho mestre, “só os sábios podem deixar as coisas externas e regressar ao ser.”⁵

A sabedoria percebe as coisas em unidade, e por isso não separa o que é individual e coletivo. Ela considera que a sociedade, o mundo interior de cada pessoa e a natureza são feitos essencialmente da mesma substância. Quando há decadência da sociedade ao nosso redor, ela está ligada à falta de paz em nosso interior, e também à destruição do ambiente natural. O *Wen-Tzu* possui trechos proféticos em que, falando de um passado distante, descreve os dilemas éticos da nossa sociedade em crise:

“Os governos das épocas degeneradas extraíam os minerais das montanhas, arrancavam metais e pedras preciosas, fundiam bronze e ferro; assim, pois, nada florescia.(...) Cortavam as árvores e construía edifícios, queimavam os bosques, pescavam até matar todos os peixes nos lagos. Amontoavam a terra para poder viver nas colinas, e cavavam o solo para poder beber dos poços. Alteravam os rios para fazer represas, construía muralhas nas cidades que consideravam seguras, dominavam os animais e os maltratavam.”

Este quadro de relacionamento com a natureza corresponde ao estágio final de uma civilização, e já ocorreu inúmeras vezes na história da humanidade. Oswald Spengler descreveu o processo de distanciamento da natureza em seu livro *A Decadência do Ocidente*. O processo tem sido cíclico, e por isso o *Wen-Tzu* pode, comentando situações de milhares de anos atrás, descrever o desafio ecológico atual do capitalismo consumista, hipnotizado pelos seus próprios jogos financeiros em escala global mas divorciado dos ritmos básicos da vida:

“Deste modo se confundia *yin* e o *yang* (o equilíbrio da pulsação vital de retração e expansão). As quatro estações perdiam sua ordem, o trovão e o raio causavam destruição, o granizo e a neve provocavam prejuízo. Muitos seres morriam prematuramente, as plantas e as árvores ficavam quase mortas no verão, os principais rios deixavam de fluir. As montanhas, os rios, os vales e os despenhadeiros eram divididos e separados por limites de proprietários. Eram construídas barricadas e máquinas para a defesa, as classes sociais eram muito diferenciadas, havia recompensas e castigos. Desta maneira foram desenvolvidos os armamentos e surgiu a luta; a partir de então, começou a matança dos inocentes.”

Para Lao Tsé, quando a sociedade está a ponto de perder a sua vida interior há um surgimento de energias negativas: “Os dirigentes não têm sabedoria, o Tao (o princípio do equilíbrio cósmico) é esquecido, e morre a virtude. São realizados projetos que não estão em harmonia com a natureza, e são dadas ordens que constituem uma violação das quatro estações. O verão e o outono diminuem sua harmonia, o céu e a terra são roubados da sua virtude. Os governantes ficam inseguros em seus palácios, os grandes se ocultam e não falam... as pessoas usam a lisonja e aceitam governantes corruptos.(...) São extraídas areias auríferas, colhidas as pedras preciosas, capturadas as tartarugas e arrancadas as suas entranhas. A adivinhação é praticada todos os dias, e o mundo inteiro fica desunido.”⁶

Nos tempos imemoriais em que reinava a harmonia o quadro era diferente: “Os antigos governavam sem coroas; sua virtude consistia em dar a vida e não em matar os outros, em dar as coisas e não em arrancá-las. O mundo não era dominado por eles, e todos eram igualmente conscientes da sua virtude. Naqueles tempos, o *yin* e o *yang* eram harmoniosos e iguais, e milhares de seres floresciam. Você podia alcançar e tocar os ninhos dos pássaros selvagens, e podia seguir de perto os animais da selva”, diz o capítulo 173 do *Wen-Tzu*.

A consciência da unidade

O taoísmo é uma religião da natureza. De certo modo, pode ser definido como a ecologia da alma, porque nos liberta da poluição dos pensamentos agitados. O jornalismo moderno tem muito a aprender com esta tradição oriental. O taoísta busca o convívio harmonioso com a natureza externa como meio de entrar em contato com seu próprio eu imortal, cuja substância é a mesma das leis cósmicas. O jardim de um taoísta participa da harmonia da Via Láctea. O taoísta se liberta pela contemplação, e então os sentimentos de preocupação consigo mesmo deixam de existir, enquanto sua conduta se torna correta e espontânea, modesta e livre, pura e ilimitada. No livro mais famoso do taoísmo, o *Tao-Te King*, Lao Tsé ensina:

“O céu é eterno e a terra duradoura. Eles são duradouros e eternos porque não vivem para si mesmos. Isso os faz viver eternamente. Assim também é o sábio: por menosprezar o seu eu, este aparece em primeiro plano. (...) Por não querer nada para si, ele se torna perfeito.”⁷ Assim também o bom jornalismo visa apenas ao bem da comunidade a que serve, e o jornalista correto encontra paz interior no cumprimento do dever.

Para o taoísmo, a iluminação é atingida no momento

em que o ser humano adquire uma consciência permanente da unidade de todas as coisas. Citando um mestre taoísta, John Blofeld escreve: “Conhecer o Um é fácil: difícil é acalentá-lo até o fim.” Depois de algum tempo, a consciência da unidade torna-se psicologicamente insuportável e nos deixamos levar pela ignorância e pela noção de separatividade. Jorge Luis Borges, o escritor argentino, escreveu que o homem foge da consciência da eternidade, e que se ele não fugisse seria esmagado por ela. Talvez seja por isso que contamos os dias e as semanas; dividimos o tempo em pequenos pedaços para fazer de conta que ele não é um só e eterno. A mesma fuga ocorre em relação ao espaço infinito. Organizamos nossa vida em torno de espaços reduzidos e construímos pequenos mundos estreitos, fugindo do que é maior do que nós. O jornalismo fragmentário, cheio de notícias isoladas e fora de contexto, reflete este estado de alma. Mas há uma alternativa. Blofeld escreve:

“Quando se elimina o desejo desordenado, nenhum pensamento disperso aparece. A mente fica serena. O espírito torna-se luminoso, e seu esplendor ilumina todos os mistérios do universo.”⁸

O grande paradoxo da vida é que o ser humano, mesmo frágil, nasce com uma gota do espírito universal dentro de si. Ela é o que há de melhor nele, mas não lhe pertence. Esta gota o une ao cosmo. Ela é o Todo Universal presente nele, mas para unir-se a ela o homem deve morrer para o mundo do eu pessoal. Estar em harmonia com esta gota universal é o que a tradição taoísta chama de “guardar o Um”, ou “preservar a consciência da unidade total”.

Assim como uma pessoa saudável age sem esquecer da unidade e trata os outros como gostaria de ser tratada, uma sociedade saudável tem um número predominante de cidadãos altruístas. Na ausência de altruísmo e boa vontade, leis e partidos políticos de nada adiantarão. Quando uma sociedade está em crise, é preciso fazer duas coisas: primeiro, saber

por que a unidade foi esquecida e, segundo, estimular a retomada de contato consciente com a *gota universal* que há dentro de cada pessoa. Este é um dos desafios dos nossos meios de comunicação social.

Os sábios, explica o *Wen-Tzu*, “se movimentam no vazio absoluto, deixam que suas mentes naveguem no grande nada, vão além das aparências e passam por onde não há porta”. Eles são pontos de luz que irradiam energias benéficas para a sociedade, mesmo no meio da pior crise.

Quando a lei da unidade é lembrada, todas as coisas se harmonizam misteriosamente:

“Quando os líderes sociais pensam corretamente, seus espíritos não se agitam em seus peitos, seu conhecimento não é exibido aos quatro ventos, e aceitam no coração a benevolência e a sinceridade. Então a doce chuva cai no tempo certo e os cinco cereais florescem. Eles alimentam o povo com justiça, sua autoridade não é arrogante, o sistema de leis não é complicado, e a educação é espiritual.”⁹

O Brasil, com um dos maiores territórios nacionais e patrimônios ecológicos do mundo, pertence a um povo simples, solidário e trabalhador. Aos 500 anos de idade, é um país jovem e sua democracia política recém-nascida já dá mostras de vigor. Esta terra que sintetiza raças e culturas tem vocação para ser um espaço onde a sabedoria milenar floresça, e onde a *lembrança da unidade* inspire os meios de comunicação social, para que o trabalho de construção permanente de relações econômicas, sociais e humanas corretas seja cada dia mais vitorioso.

Notas:

1) “Discurso Sobre as Ciências e as Artes”, J. J. Rousseau, texto incluído no volume *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de J. J. Rousseau, ed. Martins Fontes, 1993, ver pp. 18-19. Rousseau cita aqui palavras do filósofo grego segundo a obra *Apologia de Sócrates*, escrita por seu discípulo Platão.

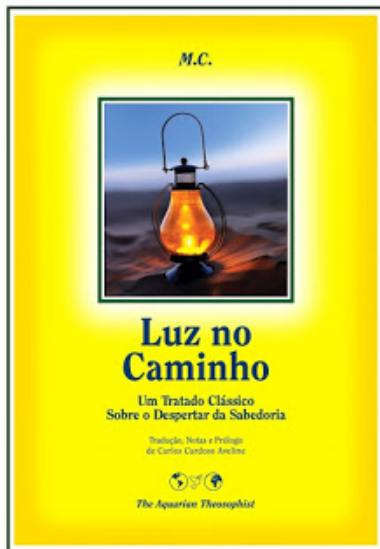
- 2) “Correio Braziliense ou Armazém Literário”, Londres, Impresso por W. Lewis, Paternoster-Row, 1808. Edição fac-similar da Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, SP, 2000, ver edição de junho de 1808, página 2.
- 3) Adaptei este questionário para o contexto jornalístico a partir das perguntas básicas criadas por Herbert Taylor e adotadas pelo Rotary Club como questionamentos éticos que devem embasar as decisões empresariais. Veja a importante obra *Ética no Trabalho*, de Sebastião Arnoêdo, Qualitymark Editora, 1997, 107 pp. Ver especialmente pp. 63-64.
- 4) John Blofeld oferece uma versão desta lenda em seu livro *Taoísmo, o Caminho Para a Imortalidade*, Ed. Pensamento.
- 5) *Wen-Tzu, La Comprensión de Los Misterios del Tao*, versão de Thomas Cleary, Arca de Sabiduría, EDAF, Madri, Espanha, 1994, 260 pp. Ver pp. 41-43.
- 6) *Wen-Tzu*, obra citada, pp. 256-258.
- 7) *Tao-Te King*, Lao Tzu, texto e comentários de Richard Wilhelm, Editora Pensamento, 206 pp. Ver p. 43.
- 8) *Taoísmo, O Caminho Para a Imortalidade*, John Blofeld, Editora Pensamento, 212 pp. Ver p. 174.
- 9) *Wen-Tzu*, obra citada, p. 61.

000

Final de “A Informação Solidária”.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000